

OFÉLIA e NARBAL FONTES
**CEM NOITES
TAPUIAS**



.5
7C
.2

ea
editorial artem





I

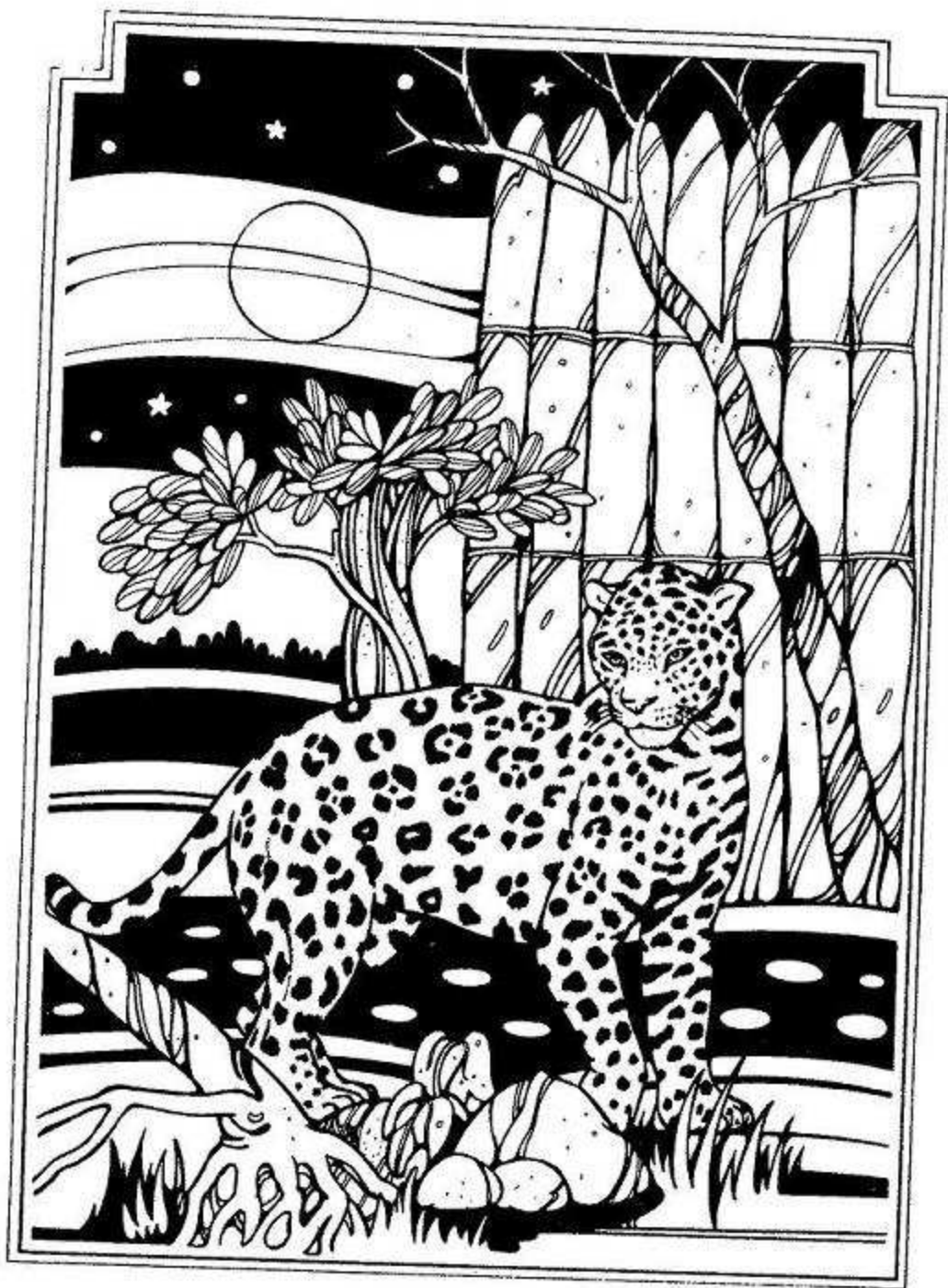
O FILHO DO GARIMPEIRO

A margem dos rios diamantíferos, isto é, daqueles em cujas areias existem diamantes, reúnem-se homens audaciosos e aventureiros animados por um grande sonho: o encontro de pedras valiosas.

Quincas Venâncio era um desses garimpeiros. Levava uma vida de pobre, vida difícil e sem conforto, em seu rancho humilde, mas uma esperança enriquecia-lhe o coração: um dia — e quem sabe não estaria perto? — um achado precioso o arrancaria daquela miséria. E então haveria de bendizer os sacrifícios corajosamente feitos! Vira chegar a vez de muitos companheiros. Outros veriam chegar a sua!

A fortuna podia demorar um pouco, mas sempre vinha. A sorte experimentava a paciência dos garimpeiros; as compensações que oferecia, porém, pagavam tudo. O que era preciso era trabalhar continuamente, sem desânimo. E Quincas Venâncio era pertinaz.

Trabalhava no Rio Poxoreu e morava com seu filho Quinquim perto da mata virgem, tão perto que, à noite, ouviam miados de onça rondando o curral, que era feito de grossos paus bem unidos e fechado por cima como uma jaula.



*Moravam tão perto da mata virgem, que certas noites
ouviam miados de onça rondando o curral.*

Certas noites, o atrevimento da "pintada" passava da conta, e vacas, bezerros, cavalos, cabritos e galinhas faziam um alarido medonho. Quincas Venâncio abria então a janela e dava tiros de carabina para o ar, afugentando a fera. Tudo silenciava a seguir e os animais repousavam tranqüilos até amanhecer.

Na casinha, apesar de coberta de sapé, pai e filho se sentiam seguros. E o menino se acostumara, de tal modo, às visitas noturnas da "pintada", que se sentava na rede ao ouvir o miado, à distância, e avisava o pai:

— Pai! Aí vem o gato!

— Durma sossegado, meu filho. Não tenha medo que aqui ele não entra, respondia-lhe o garimpeiro, enquanto examinava os cristais que colhiera durante o dia, mergulhando no Rio Poxoreu.

Quinquim vivia naqueles sertões de Mato Grosso desde os três anos. Aos seis, perdera a mãe, de uma febre palustre. E sua vida mudara muito: ela lhe contava comoventes histórias sertanejas e o embalava com cantigas tapuias, de que ele gostava imensamente.

— Mãe, cante aquela do serelepe dorminhoco, ele pedia, assim que as pálpebras pesavam de sono.

E ela, balançando-lhe a rede, cantava numa voz doce e sentida:

— *Acutipuru, ipurá*
Nerupeçê iuarama.

Repetia o canto, cada vez mais baixinho, até que o menino adormecia.

Mas o que lhe causava maior prazer era ouvir as lendas e histórias tapuias. Nunca se cansava da história da filha da cobra-grande, que mandou buscar a noite na casa de seu pai; do curumim que subiu ao céu nas asas de uma andorinha; dos macaquinhos da boca preta, que nunca achavam tempo para fazer sua casa;

da moça que queria a estrela da tarde, para brincar com ela.

Com a morte da mãe, Quinquim entristeceu e ficou manhoso. Todas as noites chorava com saudade dela. Sentia falta de seu carinho, de suas cantigas dolentes, de suas histórias maravilhosas.

Quincas Venâncio tudo fazia para alegrar o filho. Levava-o todas as manhãs ao rio, onde inúmeros garimpeiros trabalhavam com ele. O menino ficava entretido, vendo aqueles homens valentes e ambiciosos à cata febril de diamantes, no leito profundo das águas. Mas o que mais o impressionava era ver o pai meter-se dentro de um escafandro e mergulhar em algum poço do rio. Naquela vestimenta impermeável e frouxa, com botas de grossas solas de chumbo, couraça e máscara de metal, parecia um verdadeiro fantasma... E Quinquim ficava pensando na curiosidade que deviam ter os peixes, diante daquele homem estranho, que tinha quatro janelinhas envidraçadas na cabeça, por onde podia espia-los...

A princípio tinha medo que o pai morresse afogado. Quincas Venâncio, porém, explicara-lhe que dentro do escafandro não entra água e por isso o escafandrista não se afoga. Mas poderia morrer asfixiado se a bomba, de repente, deixasse de funcionar. Essa bomba, instalada à margem do rio e ligada ao escafandro por meio de um tubo, é que fornece ar ao mergulhador; seu trabalho, portanto, precisa ser regular, constante e dirigido por um bombeiro de confiança.

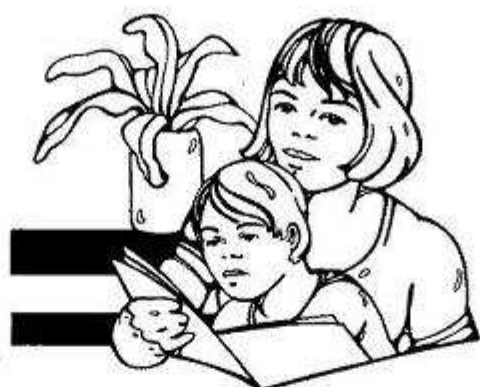
Distraído com o perigoso trabalho do pai, Quinquim se portava, durante o dia, como um verdadeiro homem. Andava de cá para lá conversando com os garimpeiros, animando-os, chamando-os por apelidos engraçados, e colecionando os seixos roliços e coloridos, parecidos com ovos de aves que eles lhe traziam sempre estavam de volta à tona d'água.

Com sua alegria e graça, conquistara o coração daqueles rudes homens sem família, que acabaram querendo-lhe bem como a um filho. E não sabiam trabalhar sem a sua companhia.

À boca da noite, voltava com o pai para casa e já não era o mesmo: tinha medo de sombras, via jagua-retês escondidos nas moitas e o psiu da suindara lhe parecia um chamado de alma do outro mundo.

— Que é que você tem, meu filho, que anda tão medroso?! Você nunca foi assim, dizia-lhe o pai, impressionado.

Mas Quinquim também não sabia explicar. E em casa, seu nervosismo piorava. À hora de dormir, chorava sempre de cortar o coração. E muitas vezes despertava durante a noite, assustado, gritando pela mãe. . . . Quincas Venâncio não sabia mais o que fazer para consolar o filhinho. . . . Perdia horas de sono pensando num meio de curar o menino daqueles terrores noturnos. . . . Supersticioso como era, acreditava em maus-olhados, quebrantos e outras fantasias populares. Quinquim era, para o sertanejo, o garotinho mais esperto e bonito do mundo! E poderia estar sofrendo em consequência da feitiçaria de alguma pessoa invejosa, ele pensava.



II

A PROFESSORA BORORA

CERTO dia, um mergulhador chamado Chico Pongá disse a Quincas Venâncio:

— Você é um homem de sorte!

— Não sei por que diz isso. Só tenho achado diamantinhos de pouco valor. Você, sim, é que já apanhou dois daqueles azuizinhos como água de querosene... respondeu Quincas Venâncio.

— Que adiantou isso?! Não tenho família, vivo sozinho neste mundo de Deus! Ao passo que você tem um filho que é uma graça, corajoso e alegrinho como um periquito-rei!

Quincas Venâncio soltou um suspiro e respondeu, olhando para o filho que fazia uma força danada, ajudando a tocar a bomba de ar:

— Ah! meu amigo, você tem razão. Quinquim, não é por ser meu filho, enche a vista da gente. Mas só é alegre de dia. De noite entristece e chora como um urutau agourento...

— Por quê? indagou Chico Pongá, admirado.

— Sei lá! Talvez saudade da mãe... Desde que ela morreu que ele chora assim.

— Sente falta dela, coitado! Carinho de mãe não tem igual neste mundo. Quantos anos ele tem?

— Está beirando os sete.

— Então, está no ponto de ir para a escola. Quem sabe se não é isso que está lhe faltando? Precisa companheiros de sua idade para brincar e uma boa professora para ensinar-lhe as primeiras letras.

— Mas como?

— Na Vila de Poxoreu, continuou Chico Pongá, há uma professora que nasceu bugra mas ensina melhor que muita gente branca!

— Não acredito. Para mim, bugre e fera são a mesma coisa. São traiçoeiros e maus e não aprendem nada.

Você diz isso porque não teve convívio com índios e não conhece Joana Borora. Não sabe que coração tem ela! Quanta bondade e que sabedoria!

— Já ouvi falar nessa Joana Borora, educada pelos missionários desde menina. Mas nunca a vi. Quando vou à vila é sempre de corrida.

— Pois é pena. A escola dela é um pouco retirada e ela não tem tempo de passear pelas lojas. Está sempre ensinando: de dia as crianças, de noite os mais velhos. Não faz outra coisa. Também sua fama já chegou a Coité, a Cachoeirinha, a Santo Antônio do Rio Abaixo e não há de esperar muito para chegar a Cuiabá.

— Será que ela dava um jeito na tristeza do Quinquim?

— Na certa.

— Qual! Duvido muito!

— Não custa experimentar.

— Está bem, Chico Pongá. Vou seguir o seu conselho. Este domingo darei um pulo a Poxoreu, com o meu garoto, a fim de conhecer Joana Borora, essa prenda nascida no mato... Se você está dizendo a verdade, deixarei o menino com ela.

- Vá mesmo que não se arrependerá...
- Vai me custar muito, mas já que é para o bem dele... concluiu Quincas Venâncio, prevendo a tristeza de seu rancho, sem aquele companheirinho precioso.



III

A DOENÇA

NA manhã seguinte, era um sábado, Quincas Venâncio despertou muito cedo. Como de costume, aprontou o café e tratou de acordar o filho que dormia a sono solto, todo encolhido na rede:

— Acorde, Quinquim! O café já está pronto!

Mas o menino deu um gemido, encolheu-se mais e não atendeu ao pai. Este, desconfiado, passou a mão pela testa do filho e murmurou apreensivo:

— Está com um febrão! Será que ele apanhou a maldita palustre?

Dizendo isto, aprontou uma caneca de café, cortou um pedaço de angu de fubá e veio oferecer ao filho, sacudindo-lhe o ombro:

— Você hoje está dorminhoco, Quinquim. Olhe aqui o café!

Mas qual! Ele nem dava acordo de si. O pai, assustado, sacudiu-o com mais força até que ele se esti-

cou, dando um gemido, e abriu, por fim, os olhos. Quincas Venâncio aproveitou para insistir:

— Levante, Quinquim, está na hora! Vamos que hoje vou ensiná-lo a nadar e a mergulhar.

Por um momento, a tentação daquele convite fez brilhar os olhos de Quinquim. Logo, porém, fechando-os novamente, murmurou com uma voz cansada, diferente da sua:

— Agora não, pai, me deixe dormir mais um bocadinho.

— Você está doente, filho? perguntou-lhe Quincas Venâncio, passando-lhe a mão pela cabeça, carinhosamente. Sente alguma dor? alguma aflição?

— Não, pai; não sinto nada. Mas tenho sono... explicou o menino. E dando as costas, encolheu-se outra vez e continuou a dormir.

Quincas Venâncio tomou o café preocupadíssimo. Não podia faltar ao trabalho. Mas também não podia forçar o menino a acompanhá-lo, visto que estava indisposto. Que fazer? Não havia outro remédio senão deixá-lo sozinho em casa.

Foi de coração cheio de angústia que tomou essa decisão. Era a primeira vez que acontecia isso. E só Deus sabia quantas vezes teria de acontecer o mesmo, enquanto não tivesse alguém para tomar conta da casa na sua ausência. Sua dura profissão não lhe permitia ficar no rancho quando o filho adoecesse, ainda mais porque de seu trabalho dependia o trabalho de muitos outros. E, entretanto, Quinquim era muito pequeno para ficar sozinho por aquelas paragens tão cheias de surpresas e perigos.

Mas não havia tempo a perder: arranjou no embornal o seu almoço, preparado de véspera, e foi despertar Quinquim de novo, fazendo-lhe muitas recomendações:

— Meu filho, você está com lombeira hoje porque não tem dormido direito estas noites. Então

durma bastante. Quando tiver fome, levante que seu almoço está pronto. É só tirar das panelas. Está ouvindo?

Quinquim olhou o pai, apertando os olhos, e respondeu bocejando:

— Estou, pai.

— Então está bem. Fique quietinho, descansando, que eu quero, na volta, encontrar você são. E repetiu, sorrindo para o filho: saozinho, sim? Nada de doenças, entendeu?

— Entendi, pai, respondeu Quinquim.

— Pois, então até de noitinha.

— Até, respondeu o menino em voz muito baixa.

Quincas Venâncio foi até a porta; sentiu o coração apertado; e voltou de novo para perto da rede, para explicar ainda:

— Escute, Quinquim.

— Estou escutando.

— Vou fechar a porta e botar a chave por baixo. Quando eu voltar você abre pra mim?

— Abrô, sim.

— E olhe, outra coisa: não abra a porta para ninguém, viu? Nem saia de casa. A "pintada" também ronda durante o dia, quando está com muita fome... E você sabe que ela é muito atrevida!

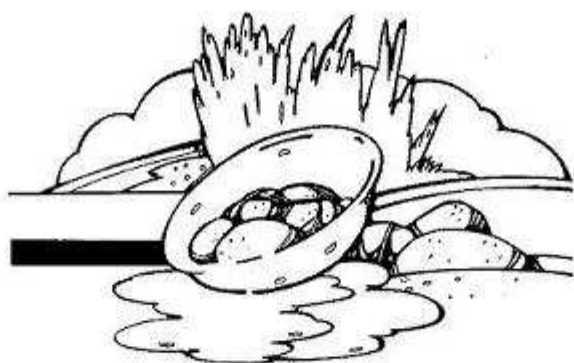
— Sim, pai.

— Até a volta, então.

— Até a volta.

Quincas Venâncio afastou-se sem pressa; saiu, fechou a porta por fora, passou a chave por baixo conforme combinara, e ainda parou um momento pensando que outras recomendações poderia fazer ao filho. Não lhe ocorreu mais nada e se afastou, de alma aflita, a caminho do Rio Poxoreu.

Dentro do rancho humilde e sem conforto, Quinquim fechou os olhos e adormeceu de novo.



IV

O FELIZ ACHADO

QUINCAS Venâncio trabalhou com o escafandro a manhã toda. No fundo da corrente, catava os seixos, mas seu pensamento estava no filho, cujo vultinho, encolhido na rede, não lhe saía dos olhos. Que teria o coitado? Já estaria de pé? Como se sentiria sozinho?

Cerca das dez horas, voltou à tona para almoçar. Estava cansado e triste. De longe, Chico Pongá desconfiou e veio comer o farnel a seu lado. Os garimpeiros já haviam notado a ausência do menino, mas não sabiam explicá-la. E Chico Pongá queria indagar dele. Por isso perguntou, sem entrar logo no assunto:

— Que tristeza é essa, Quincas Venâncio?

— Estou sem sorte, Chico Pongá.

— Não dê mau pago a Deus! Basta pensar no filhinho que você tem para não poder falar assim.

— Pois é por ele mesmo que eu digo. Imagine que amanheceu com febre e eu tive de deixá-lo sozinho. Não sei como vai se arranjar.

— Ora, febre em criança é coisa corriqueira. Passa da noite para o dia. Amanhã estará bom.

— Acho que sim. Mas é que ele ficou só. Estou preocupado.

— Outra bobagem. Seu filho é um homenzinho, já sabe bem o que faz. Se fosse outro menino não diria nada. Mas Quinquim pode ficar só sem perigo. Não se preocupe. E agora, mudando de assunto: seu mergulho rendeu hoje?

— Não. E o seu?

— Somente umas “formas” sem importância: um “feijão”, um “ovo de pomba”, dois “lacs” e três “azulinhas”, explicou Chico Pongá, enumerando pedras de várias cores, chamadas “satélites” dos diamantes porque às vezes são encontradas onde eles existem.

— Eu nem isso! Nem uma “pretinha” sequer, para consolar.

— Não importa, Quincas Venâncio. Nem sempre essas pedras à-toa querem dizer que há diamante por perto.

— Isso sei eu. Mas, de qualquer forma, umas pedrinhas pintadas, como essas que você achou, consolam a gente e dão esperanças de encontrar um gráudo, de primeira água!

— Qual! Não perca a esperança. Vá mergulhando e catando. Quando menos você esperar, acha um e fica rico!

Quincas Venâncio havia acabado de fazer a sua refeição. Ergueu-se então e respondeu:

— Nesse caso, vou mergulhar de novo para aproveitar o resto do dia, que hoje quero voltar mais cedo para casa.

Separaram-se. Quincas Venâncio meteu-se em seu escafandro e sumiu na corrente.

Ao entardecer deu sinal a José Piquete que tomava conta da bomba. Este puxou imediatamente o escafandrista pela corda. Que teria sucedido? Quincas Venâncio costumava demorar mais tempo em suas pesquisas. A surpresa de José Piquete aumentou quando viu que o companheiro saía do aparelho pálido e trêmulo. E indagou assustado:

— Que é que houve? Está sentindo alguma coisa?

Quincas Venâncio moveu a cabeça negativamente e, apontando para uma vasilha em forma de funil que tinha na mão, mal pôde responder:

— Veja aí... no calombé...

José Piquete olhou curioso para o interior da vasilha que continha a colheita de cristais, trazida do fundo do rio, e exclamou, entusiasmado:

— Viva Deus! Você está rico, Venâncio! Nunca vi tanto diamante junto!

— Não exagere, Piquete. O que você vê aí são alguns diamantinhos pequenos, uns "xibios" de pouco valor. E o resto são cristais sem valia. Mas, olhe: há um que vai me dar bom dinheiro.

— É este aqui, afirmou José Piquete, apanhando um cristal do tamanho de um ovo de pomba e olhando-o contra o sol. Este aqui vale um milhão!

— Milhão de que, homem?

— Milhão de cruzeiros! De que havia de ser?

— Você está sonhando, Piquete! Você está sonhando. Examinou o diamante mais uma vez e acrescentou: É um diamante de valor, está se vendo, mas não alcança esse preço.

— Quanto aposta?

— O que você quiser.

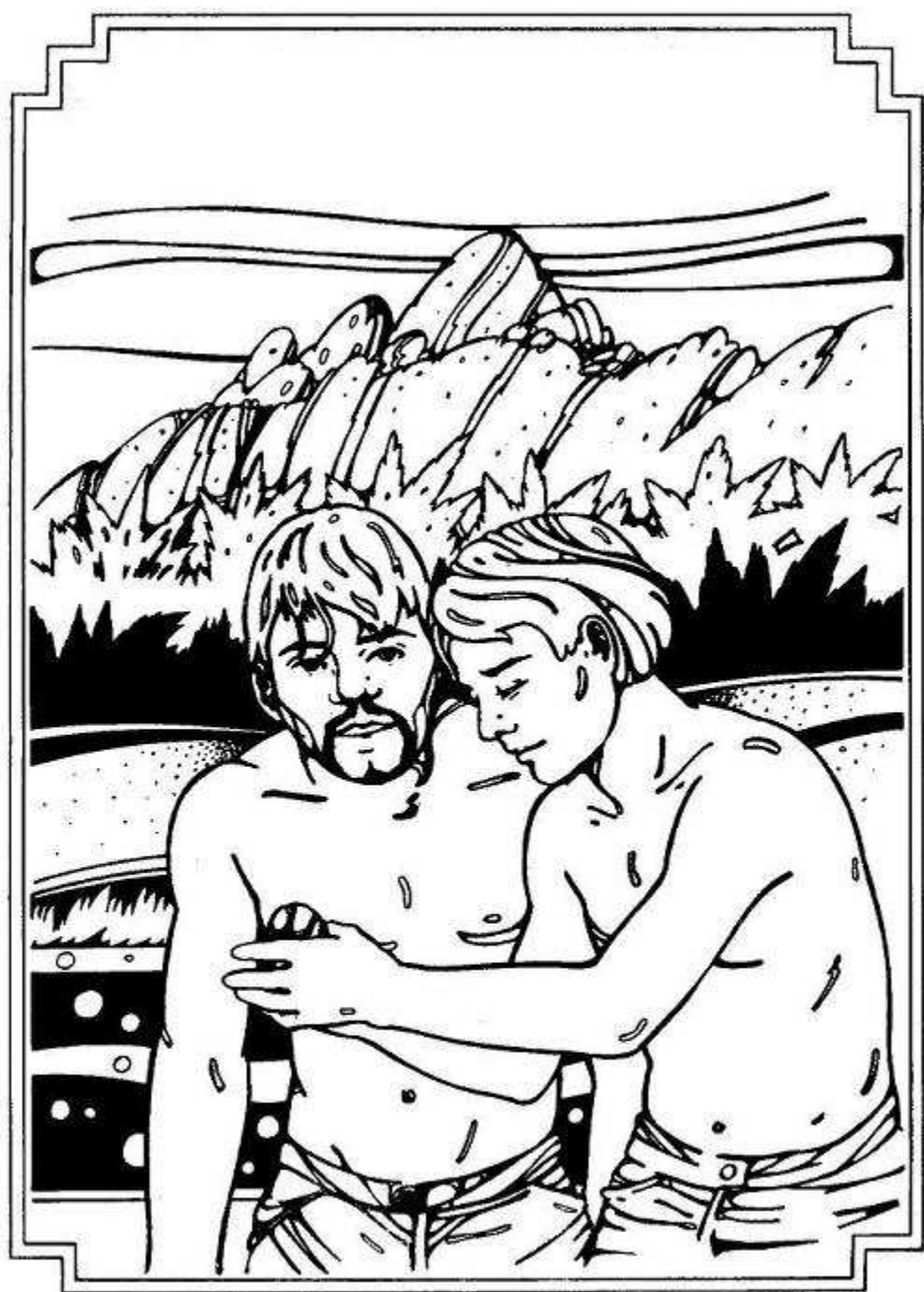
— Não, diga você!

— Está feito. Se este diamante valer um milhão, eu lhe darei, além da parte a que você tem direito, mais dez mil cruzeiros. Fechado?

— Fechado! concordou José Piquete, cheio de alegria.

E apertaram-se a mão afetuosamente.

A conversa foi tão alvoroçada que atraiu outros garimpeiros, mergulhadores, bombeiros e bateadores. E em pouco, todo aquele rancho de aventureiros da fortuna, em número de cinquenta, estava festejando a feliz descoberta de Quincas Venâncio.



José Piquete exclamou entusiasmado: --- Você está rico, Venâncio! Nunca vi tanto diamante junto!

Chico Pongá foi o primeiro a examinar a gema preciosa e a dar um apertado abraço em seu amigo, perguntando-lhe:

— Eu não lhe disse, Venâncio, que você era um homem de sorte? E que sorte! Com esse diamantão você não precisa mais mover uma palha! Pode dormir sossegado e criar o Quinquim na Capital.

Quincas Venâncio não respondeu. Todos queriam abraçá-lo, examinar a pedra, tocar na mão dele para "pegar" sorte. . . Afinal, um dos mais entusiasmados com a extraordinária novidade, exclamou convidando o grupo:

— Vámos a Poxoreu festejar o sucesso, que o dia de hoje já está ganho!

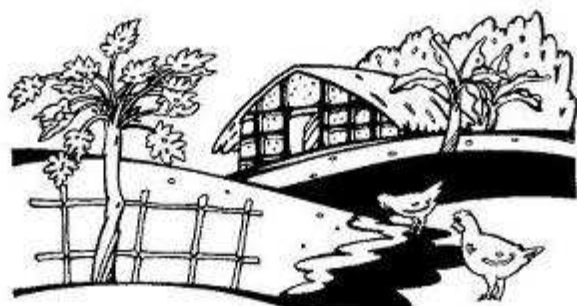
— Vamos! concordaram todos, dando tiros de carabina para o ar.

— Mas eu, infelizmente, não posso, explicou Quincas Venâncio. Tenho que ir ver Quinquim, que deixei em casa, doente.

— Pois então vá vê-lo. Se ele estiver melhor, vamos levá-lo também, porque a festa é dele, disse Chico Pongá.

— Vá, insistiu Piquete, que nós o esperamos aqui.

Quincas Venâncio colocou os cristais numa capanga, uma bolsa de couro que costumava trazer a tiracolo, e partiu para casa correndo, mas não tão depressa quanto seu coração desejava.



V

MISTÉRIO!

QUINCAS Venâncio vinha botando a alma pela boca mas só parou de correr quando chegou ao terreiro de casa. Tinha pressa de rever o filho para saber de sua saúde, mas estava também ansioso para dar-lhe a boa notícia! As preocupações com que saíra pela manhã misturavam-se agora com a alegria que lhe causara aquele achado precioso. . . De longe, porém, observou que a janela estava aberta e a porta escancarada. E pensou: — O garoto me desobedeceu, abrindo a porta! Em todo caso é sinal de que já está bom. E entrou pelo rancho, chamando-o:

— Quinquim! Meu filho! Estamos ricos! Achei um diamante graúdo, de primeira água! Um bambúrrio!

Enquanto falava, percorreu a pequena morada e não encontrou ninguém. Sobre o fogão de tijolos viu as panelas cobertas; destampou-as e, pela quantidade de comida, verificou que o filho almoçara com bom apetite, o que lhe causou prazer. Mas era preciso encontrá-lo o quanto antes. Quincas Venâncio foi ao curral; procurou-o depois pelo paiol, pelas pacoveiras que havia nos fundos da roça, gritando sempre:

— Quinquim!... Quinquim!... Ó Quinquim!...

Nada! Ninguém respondia ao seu chamado. A tarde morria. Os pássaros volviam aos ninhos e as ga-

linhas procuravam os poleiros. Onde teria se metido o garoto? perguntava a si mesmo, intrigado, sem cessar suas buscas. Ah! com certeza estaria no córrego, brincando com o pequeno monjolo que ele próprio fabricara. Este pensamento o encheu de esperança. Mas no córrego não viu ninguém; as águas deslizavam mansamente, só de quando em quando arrepiadas pela viração da tarde. O silêncio era quase absoluto. Quincas Venâncio estava zozinho, sem saber o que fazer. Chamou, chamou e chamou... Nenhuma resposta! Deu batidas nas moitas de "saia-branca", desconfiando que o filho se escondera por brincado. Só conseguiu espantar "almas-de-gato" que fugiam num vôo rasteiro, soltando pios lamurientos, para ir pousar em moitas mais distantes.

Foi, então, que lhe ocorreu uma idéia aterradora. O filho poderia ter entrado pela mata, atrás de algum pássaro, e a temível "pintada" o teria, talvez, surpreendido. Quincas Venâncio tudo fez para afastar esse horrível pensamento, mas não o conseguiu. Correu, então, angustiado, para casa, apanhou a carabina que estava pendurada à parede, colocou o cinturão de balas, fechou a janela e a porta e entrou pela mata, gritando pelo filho. À medida que penetrava, porém, a escuridão ia aumentando e em breve parecia noite fechada. Fazendo porta-voz com as palmas das mãos, o pai, aflito, berrava:

— Quinquim!... Quinquim!... Ó Quinquim... im!...

Sua voz reboava por entre os troncos. De vez em quando, parava um instante, na ansiosa espera de uma resposta, uma queixa, um gemido, qualquer sinal enfim de que o filho ainda vivesse. Em vão! Só escutava barulhos de asas e sussurros de vento, nas folhas.

Desesperado, Quincas Venâncio voltou atrás, tirou do curral o alazão marchador, botou-lhe os arreios, montou e partiu a galope na direção do Rio Poxoreu.



VI

O RAPTO

Os garimpeiros o esperavam à margem do rio. E assim que o viram apontar na picada, sacaram as armas e o saudaram, segundo o costume, com um tiro-teio cerrado para o ar.

— Viva Joaquim Venâncio! gritou José Piquete.

— Viva o nosso milionário! bradou Chico Pongá.

E novamente descarregaram as armas. Mas qual não foi a surpresa de todos quando repararam na expressão de desespero de Quincas Venâncio! Fez-se um silêncio geral. Foi quando, sofrendo as rédeas do animal, ele falou aos companheiros numa voz surda, cerrando os dentes:

— Meus amigos! Aconteceu-me uma grande desgraça!

A roda fechou-se em torno dele. E perguntas choveram de todos os lados:

— Perdeu o diamante? indagou um.

— Quinquim piorou? interrogou outro.

— Encontrou a roça devastada? quis saber um terceiro.

Quincas Venâncio meneou a cabeça e explicou:

— Mil vezes pior que tudo: perdi meu filho...



*Cerrando os dentes, Venâncio falou aos companheiros:
Meus amigos! Aconteceu-me uma desgraça!*

— Quinquim?! perguntaram todos a uma voz.
— Sim, respondeu simplesmente o desolado pai.
— Mas como? Que houve? Teve um ataque de febre? Feriu-se? indagaram de todos os lados.

Quincas Venâncio, porém, fazia gestos indecisos, demonstrando não saber explicar, o que deixava atordoados os demais garimpeiros. A muito custo, no entanto, contou com voz trêmula:

— Não posso dizer o que houve, nem como foi. Só sei dizer que deixei o menino na rede, adoentado, perengue, esta manhã, e agora, ao chegar em casa, encontrei a porta aberta e tudo deserto. Chamei por ele e nada... Saí, procurei-o por toda a parte, no pacoval, no córrego e até dentro da mata! e nem sombra dele!... Não sei que fim o coitadinho levou.

Chico Pongá, animado como sempre, tentou reanimar o amigo:

— Não fale assim, Quincas Venâncio, que seu filho aparece de uma hora para outra. Com certeza, curioso e travesso como é, foi dar um passeio e encontrou alguém que o levou à vila. Você sabe que ele é conhecido e querido de todo mundo.

— Não pode ser, Chico, infelizmente não pode ser. Justamente hoje pela manhã recomendei-lhe que não saísse nem abrisse a porta para ninguém. E ele é menino obediente.

— Mas você encontrou a porta arrombada?

— Não.

— Encontrou algum sinal de violência?

— Não. Até a chave ainda estava na porta.

— Estava? E do lado de dentro?

— Do lado de dentro.

— Então? Não digo que foi o menino? Olhe, ele abriu a porta e saiu. E se saiu foi para algum lugar onde, na certa, será encontrado.

— Encontrado?! E se a "pintada" o pegou? indagou aflito Quincas Venâncio.

— Deixe de estar pensando em bobagem. Se ela pegasse Quinquim, então não deixaria sinal? Pelo menos sangue havia de haver pelo terreiro. Não pense mais nisso. O que precisamos fazer é procurá-lo antes que chegue a noite. E, voltando-se para os companheiros, Chico Pongá concluiu:

— Camaradas! Temos que ajudar o amigo Quincas Venâncio. Vamos juntos procurar nosso Quinquim?

— Vamos! concordaram os garimpeiros, sem discussão.

E assim aqueles homens, que se dispunham a festejar, em conjunto, o achado de um extraordinário diamante, uniram-se para auxiliar um pai extremoso a procurar o seu filho perdido.



VII

NA VILA DE POXOREU

QUINCAS Venâncio chorava de gratidão, diante da solidariedade de seus companheiros de trabalho. E não tocou o animal. Chico Pongá, porém, era homem de iniciativa e tinha de levar adiante o seu plano. Por isso ordenou:

— A caminho da vila! E, voltando-se para ele, acrescentou:

— Toque, Quincas Venâncio! Vá na frente que nós vamos apanhar a nossa montaria e o alcançaremos logo.

E assim foi feito. Quando Quincas Venâncio entrou na Vila de Poxoreu, cerca de cinquenta cavaleiros o acompanhavam.

Era quase noite fechada. Os poucos habitantes da vila, no entanto, não se haviam recolhido às suas casas: estavam alvoroçados pela rua principal, diante do armazém de um antigo garimpeiro, chamado Nico Manco. A cavallhada venceu em alguns segundos a distância que a separava do local da aglomeração batendo, com estrépito, as ferraduras nas pedras do caminho. Quando os moradores da vila se voltaram, surpreendidos, já Quincas Venâncio e seus amigos desmontavam e amarravam os animais a argolas de ferro, incrustadas na calçada ou em pequenos mourões, e penetravam no recinto, ansiosos por informações e novidades. Dois lampiões de querosene, colocados em cima do balcão, iluminavam as fisionomias daquela gente rústica. Em mangas de camisa, Nico Manco falava tão alto que parecia discursar. Mas, à chegada dos cavaleiros, fez-se silêncio. Passado um momento, porém, reconhecendo Chico Pongá e os demais companheiros, o comerciante perguntou-lhes:

— Então já souberam da desgraça acontecida, não é?

Chico Pongá, percebendo que sucedera qualquer coisa que eles ignoravam, indagou:

— Que desgraça?

— Pois Joana Borora, a mestra de nossos filhos, foi hoje raptada pelos índios Xavante!

Houve um sussurro de assombro entre os cavaleiros. E Chico Pongá, compreendendo o que se passara com Quinquim, olhou para Quincas Venâncio com uma

expressão de piedade. Como se tivesse havido transmissão de pensamento entre os dois amigos, Quincas Venâncio o olhou no mesmo instante e falou, desanimado:

— Ah! agora já sei o que se passou com meu filho: foi, também, raptado pelos índios!

Embora não tivesse falado muito alto, todos o ouviram e uma nova emoção contaminou a assistência. Nico Manco não se conteve e perguntou:

— Seu filho desapareceu?

— Sim, confirmou Quincas Venâncio, no auge da aflição.

— Então, não tenha dúvida: teve a mesma sorte da mestra! disse o comerciante.

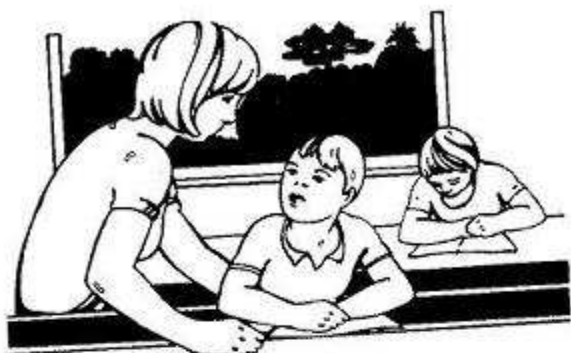
Mas Chico Pongá queria esclarecimentos sobre o que acontecera na vila. E indagou:

— Como foi o caso de Joana Borora?

Nico Manco pôs a mão sobre o ombro de um menino que estava ao seu lado e informou:

— Meu filho é que sabe como a coisa se passou. Estava na aula, quando se deu o ataque, e chegou aqui que nem podia dar palavra, de tanto correr! Voltando-se, então, para o menino, acrescentou:

— Conte, Antoninho, o que você viu, aqui para os amigos. . .



VIII

O SACRIFÍCIO DE JOANA BORORA

ANTONINHO deu um salto para cima do balcão, sentou-se de pernas cruzadas, hesitou um pouco, olhando curioso aquelas fisionomias, fatigadas pelo trabalho e pela emoção, e começou a contar:

— Nós estávamos na classe fazendo uma cópia que D. Joana tinha passado. Eu quebrei a ponta do lápis e parei para fazer outra. Nisto ouvi um assobio fininho, demorado, seguido de um canto de jaó e me levantei para espiar a mata, da janela dos fundos. Olhei, tornei a olhar, mas quem diz que eu descobria o jaó! Continuei a fazer a ponta sempre olhando, e nada! Já ia voltar para o banco, quando escutei outro assobio fininho; firmei os olhos e descobri, então, três caras de índios entre as moitas, espiando a escola. Fiquei frio! Só aí percebi muitas outras caras espalhadas pelo mato. Disfarcei meu susto, voltei para meu lugar e chamei a mestra:

— Chegue aqui depressa, D. Joana, para ver meu trabalho.

Ela se aproximou e eu lhe disse em voz baixa, para não espantar a classe:

— Mestra, há índios no mato, espiando a escola.

— Tem certeza? indagou ela, também em voz baixa.

— Tenho.

— São muitos? perguntou ainda.

— Que nem formigueiro, respondi.

Vi que o rosto dela ficou transtornado, mas não perdeu um momento; sentou-se ao meu lado e avisou a classe, dizendo:

— Escutem bem o que eu vou dizer e façam logo o que eu mandar. Antoninho acaba de ver índios rondando a escola, do lado da mata.

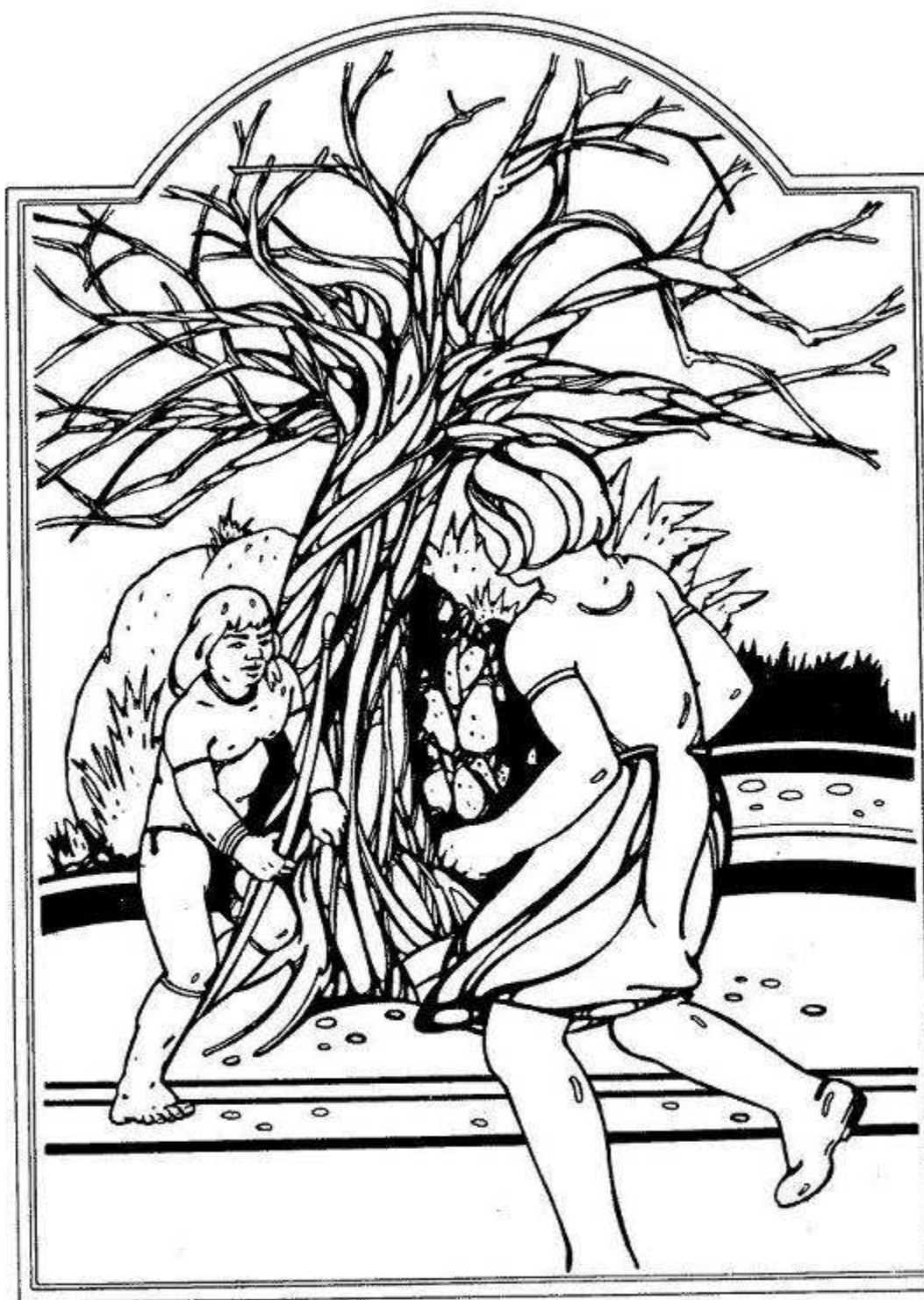
Aí alguns meninos começaram a falar, mas ela não deixou dizerem nada, explicando, zangada:

— Calem a boca e escutem o que eu digo! Estamos correndo perigo de ser atacados. Mas se vocês me obedecerem, nenhum sofrerá coisa alguma. Não precisam pegar os cadernos nem malas. Abaixem entre as carteiras para que eles não vejam vocês e pensem que a escola está deserta. E vão saindo, de quatro, pela porta da frente, sem barulho, um atrás do outro, depressa! Na rua corram o mais que puderem, mas sem gritaria. Não dêem um pio! É preciso que eles não percebam que vocês estão fugindo. Assim que chegarem à vila, peçam socorro para mim! E agora vão! Depressa! Não percam tempo! Eu garanto que a vocês não há de suceder nada! Vão!

Mal a mestra acabou de falar, saímos de gatinhas da sala de aula, alcançamos a porta da frente e desandamos a correr para a vila. Já estava quase aqui, quando ouvi um grande alarido de gritos e, trepando numa árvore, espiei para o lado da mata; foi quando vi nossa mestra correr na direção das moitas onde apareciam as caras dos bugres e sumir entre elas.

Antoninho estava triste quando acabou sua narrativa. O pai, então, retomando o fio da conversa, disse:

— O resto da história eu posso contar. Assim que os meninos chegaram dando alarme, eu e todo esse



A professora correu na direção das moitas onde estavam os bugres e desapareceu entre eles.

povo que aqui está, corremos em socorro de Joana Borora, mas não encontramos mais sombra dela nem dos índios! A escola estava abandonada, com as janelas e portas abertas, os cadernos dos alunos nas carteiras. Entramos pela mata adentro, mas, por mais que procurássemos, não achamos nada que indicasse o rumo que tomaram.

Quincas Venâncio resmungou, com desconfiança:

— Pelo jeito, essa Borora estava era combinada com os bugres, que são gente dela.

Todos protestaram. E Nico Manco respondeu:

— Não diga isso, seu Venâncio. Joana Borora nunca faria uma coisa dessas!

— Então como é que correu ao encontro deles? Não se explica...

— Pois eu explico, continuou o negociante. De toda a nossa busca, só encontramos isto: e mostrou uma flecha emplumada que encostara à parede, acrescentando: os que conhecem as armas dos índios sabem que este tipo de flecha pertence aos Xavante, que vivem espalhados para lá do Rio das Mortes, a mais de dez léguas daqui. E esses índios são justamente inimigos dos Bororo.

— Quer dizer que a professora correu, por gosto, para a boca da onça? indagou Quincas Venâncio, sem compreender.

— Está visto que correu, seu Venâncio, mas sabe por quê? Para dar tempo a que os meninos fugissem. Só pode ter sido isso: sacrificou-se para salvá-los!

— É extraordinário! comentaram, ao mesmo tempo, vários garimpeiros.

Chico Pongá perguntou, então, interessado:

— E será que ela está com vida ainda?

— Por certo que está, disse Nico Manco, os Xavante, quando querem matar alguém, não fazem cerimônia; no mesmo lugar em que aprisionam, metem a pesada borduna na cabeça da vítima e, como lembran-

ça, deixam a arma de morte junto dela. Mas o Índio não é sanguinário. Só ataca por vingança ou em defesa da terra, quando sofre alguma injustiça. Demais, nós percorremos as picadas da mata e não vimos sinal algum de violência. Olhe: esta flecha não foi usada. Algum deles a deixou cair ao retirar-se.

Quincas Venâncio, pensando na sorte do filho, que devia ser bem parecida com a da professora, ainda perguntou:

— Mas se eles não a mataram, que pretenderão fazer com ela, seu Nico?

— Mantê-la prisioneira, torná-la escrava, para se vingarem dos brancos e dos Bororo que são seus inimigos.

— Precisamos libertá-la; uma coisa me diz que, onde ela estiver, estará o meu filho.

— Nem há dúvida. E era o que estávamos combinando. Quase todos estes homens têm filhos alunos de Joana Borora. Nossa estima por ela é um fato. Nenhum de nós se negará a qualquer sacrifício para trazê-la de volta.

— Pois então, por que estamos perdendo tempo? Vamos embora!... animou Chico Pongá.

— Vamos embora, repetiu Quincas Venâncio, procurando a saída da loja.

— Calma, seu Venâncio, ponderou Nico Manco. Precisamos armar-nos primeiro; precisamos preparar-nos para uma longa viagem, pois sabe Deus onde iremos encontrá-los!... Esta madrugada partiremos. Combinado?

— Combinado! responderam todos os presentes que se dispersaram, em grupos.

Pela madrugada, cem cavaleiros, armados e com farta provisão de alimentos, partiram na direção do Rio das Mortes.



IX

NA TABA INIMIGA

TRÊS dias depois, na aldeia dos índios Xavante, escondida nos confins da Serra Azul, à margem do Rio Noedori, afluente do Rio das Mortes, houve, ao cair da tarde, um rebuliço de festa: é que chegava um grupo de índios, trazendo dois prisioneiros: Joana Borora e Quinquim.

Joana chegou primeiro; vinha amarrada pela cintura e pelos punhos a uma forte muçurana. Caminhara a pé léguas e léguas tangida pelos indígenas. Durante toda a penosa jornada, fingiu que não entendia a conversa deles. Mas compreendera tudo! Quando menina, aprendera a falar vários dialetos indígenas, inclusive o dos terríveis inimigos de sua gente Borora. E graças a isso, ficou sabendo que a intenção dos Xavante era atrair gente branca para fazer-lhe guerra, em tocas na floresta, antes que fosse descoberta a situação da taba. Aceitava os alimentos que lhe davam e dormia quando eles dormiam. Em suas veias corria também sangue de bugre o que lhe dava certamente resistência para a caminhada e uma coragem inaudita!

Quinquim chegou depois; vinha desmaiado de cansaço e medo, dentro de um baquitê, uma espécie de

cesto comprido, preso às costas de um possante Xavante.

Ao entrar no terreiro da taba, libertaram Joana da corda que a manietava e tiraram o menino do baquité, como se tira um franguinho de um jacá. Largaram-no então no solo, estendido como morto. Só aí Joana descobriu que havia mais um prisioneiro! e seu coração bateu descompassado... De onde estava, não podia ver o rosto do garoto e uma dúvida cruel fê-la tremer: estaria ali, maltratado e faminto, um de seus pequeninos alunos?

Sem demora, inúmeras mulheres acorreram e se puseram a palrar em torno dela e da criança, como um bando de galinhas assustadas, à vista de alguma cobra. Nisto o cacique, coberto de tatuagens no rosto, no peito e nos braços, surgiu da oca central; espalhou, com um urro, aquele bando de mulheres, e se pôs a falar com o índio do baquité.

Joana percebeu que o índio explicava ao chefe como apanhara o menino, quando dava milho às galinhas, no terreiro de sua casa. Como gritasse muito, tapara-lhe a boca e carregara-o para o mato, onde, no dia seguinte se encontrara com os outros do bando. Viera sempre varando por dentro do cerrado fechado, para evitar encontro com os brancos.

Mas o cacique não estava satisfeito. E indagou, irritado:

— Por que não trouxeram os curumins da Borora?

Por esta pergunta, Joana verificou que eles conheciam a escola há muito tempo e haviam atacado com o plano de agarrar os alunos.

O índio do baquité respondeu ao cacique que não havia curumim, que a oca da Borora estava vazia. O chefe indagou ainda:

— E que tem este curumim branco?

— Gritou tanto que morreu de gritar.

O cacique se abaixou, pôs a mão sobre o nariz de Quinquim e afirmou:

— Não morreu não. Está dormindo. E se voltou para examinar a professora. Joana estava pálida e abatida de emoção e cansaço. Mas olhou firmemente o cacique. Este achou-a bela, tanto assim que sorriu e disse na língua geral:

— *Cunhã porã!*

Mas logo em seguida cuspiu com desprezo, empurrou-a para o lado e disse:

— *Orarimogodoque!*

Joana viu que ele não se enganara pois *orarimogodoque* é justamente o nome nativo dos índios Bororo. E ele a desprezava porque os Bororo são pacíficos e amigos dos brancos.

— Que devo fazer com os prisioneiros? perguntou o índio do baquitê.

— Ponha-os na oca vazia. As nossas mulheres lhes darão alimentos e os obrigarão a trabalhar, de amanhã em diante.

— Mas o curumim, quando acordar, vai fazer um berreiro enorme e a aldeia acabará sendo descoberta pelo inimigo! explicou o índio que aprisionara Quinquim.

— Pois se ele gritar levem-no para brincar com os nossos curumins, e ele logo se animará. Mas não o deixem fugir, concluiu o cacique afastando-se.

Joana escutou também estas palavras, mas não deu a menor demonstração de haver compreendido. Continuou a olhar o chão em silêncio, embora uma enorme angústia tivesse invadido seu coração.

E como já era noite, os prisioneiros foram levados para a oca. Quinquim não dava acôrdo de si.

Mal ficaram sós, Joana Borora arrastou-se pelo chão e foi examinar, de perto, o rosto do menino. Em

pouco seus olhos se acostumaram ao escuro, e ela percebeu que seu companheirinho era um menino desconhecido e não um de seus queridos alunos. Deitou-se então ao seu lado, na terra batida, e dormiu profundamente.



X

A PRIMEIRA NOITE

ALTA noite, Quinquim acordou, chorando e chamando:

— Mãe! Mãe! Ó mãe!

— Que é, meu filho? Não chore que eu estou aqui, respondeu-lhe Joana Borora, com voz suave e carinhosa.

Quinquim não se espantou de ouvir uma voz como a de sua mãe, porque ainda estava tonto de sono. E pediu:

— Acenda o lampião, mãe.

Como poderia Joana atender àquele pedido? Numa oca de índio não há lampiões, e luz, na taba, só a das fogueiras... Sua inteligência, porém, dava remédio para tudo. Por isso falou assim:

— Se eu acender a luz posso acordar seu pai: ele está muito cansado e precisa ir cedinho para o trabalho. Vamos falar portanto bem baixinho!

Nlato Quinquim sentiu o corpo todo doído e percebeu que estava deitado no chão.

— Onde é que eu estou? perguntou apalpando em torno. Por que não estou na rede?

— Você dormiu na rede. Mas teve um pesadelo o enju...

— Um pesadelo? Que é isso?

— Sim, um sonho mau, com índios que o atacavam e o levavam prisioneiro, para muito longe...

— Então tudo foi sonho?

— Foi, sim. Um sonho horrível! Você gritando...

— Então vou para a rede de novo.

— Não, meu filho, respondeu Joana Borora, segurando-o. Você já caiu duas vezes! Fique no chão mesmo; senão sonha de novo, cai outra vez, e a nova queda pode ser de mau jeito...

— Mas meu corpo está todo doído.

— Eu não disse? Dois tombos não são brincadeira! Imagine agora um terceiro! Deite a cabeça aqui no meu colo, que vou lhe contar uma história.

E Joana Borora não esperou resposta: tomou o menino nos braços e aconchegou-o, maternalmente.

— Que história vai ser? perguntou Quinquim, interessado e consolado com o carinho de Joana.

— Uma que você ainda não conhece. Uma história de jabuti. Você se lembra das aventuras do jabuti?

Qual?... Aquela com a onça?

Aquela e qual mais?

A da aposta com o veado?

Sim... e qual mais?

Aquela com a anta?

Sim... E as outras?

A do caipora, a do teiú, a dos meninos, a do homem...

Muito bem! Já vejo que você se lembra de muitas. Então vou lhe explicar por que razão os índios

consideram o jabuti o bicho mais esperto do mato e espalham essas histórias tão divertidas. Você quer saber?

— Quero, respondeu Quinquim.

— Quem olha um jabuti pensa que ele é o animal mais bobo do mundo, não pensa?

— Pensa.

— Mas nós sabemos que ele é o mais esperto de todos, não sabemos?

— Sabemos.

— Então por que será isso? Você sabe?

— Não.

— É que antigamente os jabutis eram moleirões e bobinhos como parecem ser hoje. Mas um dia, nasceu um jabuti que parecia igual aos outros; era, no entanto, bem diferente, muito curioso, perguntador e doido para saber tudo. Era um bicho extraordinário e tinha o nome de Carumbé — avisou Joana Borora, acomodando melhor o menino em seu regaço. É a história desse jabuti que vou lhe contar hoje.

Quinquim sentia-se feliz no aconchego daquele colo que lhe parecia o de sua verdadeira mãe. E Joana Borora, para lhe dar aquela tranqüilidade, procurava esquecer a desgraça que caíra sobre a cabeça de ambos.

Quando clareasse o dia, o pequeno prisioneiro estaria em melhores condições para conhecer a dura verdade; contava com sua afeição, teria confiança nela. E tudo havia de parecer aos dois menos terrível.



XI

A HISTÓRIA DE CARUMBÉ

E Joana começou a contar:

— Carumbé nasceu à beira de um córrego, no fundo da floresta virgem. Era tão pequenino, tão pequenino, que poderia caber na palma da mão de uma criança. Mais parecia uma pedrinha escura e chata, polida pelo rolar contínuo das águas. Isso quando dormia. Acordado, porém, aquele pedregulho criava perna, botava a cabecinha para fora e se mexia sem parar. Nim, porque o carumbezinho era um andejo de força maior e está para nascer menino mais curioso do que ele.

Passara os primeiros dias de sua vida olhando as águas que corriam, corriam, sem nunca voltarem para trás. É aquilo o deixava intrigado! O rio não morava no alto da mata, escondido nalgum buraco da terra?! Por que então as águas nunca voltavam para casa, como ele e seus quatorze irmãos gêmeos faziam, quando era hora de dormir?

As vezes esticava o pescoço e ficava olhando para cima. Contemplava as folhas do copado arvoredo, que tapavam quase todo o sol e o céu azul. Cada dia as folhas lhe pareciam mais distantes, mais altas, sempre

subindo, subindo, curiosas de ver as nuvens de perto, sem saudade da terra...

Se olhava em torno, via sempre os mesmos galhos, os mesmos troncos, os mesmos cipós emaranhados, as mesmas raízes contorcidas. E enchia os irmãos de perguntas: Será que na terra só há árvores, árvores e mais árvores?

Os maninhos, porém, sabiam menos que ele e nem se davam ao trabalho de responder. Só queriam se divertir e catar frutos de taperebá, manjar predileto de todos os carumbés. Mergulhavam no rio, nadavam à vontade e voltavam para a areia, onde dormiam boas sonecas, encolhidinhos, na casca. Carumbé perguntava, perguntava, perguntava, e eles... moita! Desesperado com o silêncio dos irmãos, recorria a D. Jabota, pesadona e pachorrenta, mas sempre atarefada com os arranjos da toca:

- Mãe, ó mãe! Me diga uma coisa!
- Que coisa, Carumbé?
- Será que o mundo é uma floresta só?
- Você tem cada pergunta, Carumbé!
- Responda, mãe, que eu quero saber. É ou não é?

D. Jabota tinha a cabeça fraca para pensar e ficava muito atrapalhada. Nunca lhe haviam falado nisso, nem lhe passara tal coisa pela mente. Seus antepassados haviam nascido e vivido naquelas redondezas e seu mundo era aquele mato... Por isso hesitava um pouco, mas acabava respondendo:

- De certo que é!
- Então este mato não tem fim? indagou ele.
- Tem sim, meu filho. Tudo tem fim.
- E no fim do mato o que é que há?
- Nada.
- Nada o que é, mãe?
- Ora, meu filho, que pergunta! Nada é nada...

-- Ah! eu queria ir ao fim do mato para ver "nada" como é...

Deixe de estar bobeando, meu filho. Seja como seus irmãos que não fazem perguntas. Olhe: Jabuti não precisa pensar... Vá brincar e me deixe ~~nonnegada~~.

Carumbé ia, mas ia triste, porque não se conformava em deixar de pensar... E tanto assim que ia pensando:

— Se é para não pensar, para que então a gente tem cabeça?!

Desde esse momento já não fazia perguntas nem à mãe nem aos irmãos, mas a si mesmo. E jurou: um dia haveria de dar resposta a todas as suas dúvidas.

Ora, uma tarde em que o céu estava enfunado, ameaçando chuva, ele foi até à beira d'água, olhou para a outra banda e lançou esta pergunta ao vento:

— Que haverá do outro lado do rio?

O vento não respondeu. Nisto, uma voz de taboca rachada pareceu zombar dele:

— Xué... xué... xué... xué...

Carumbé voltou-se e deu com um grande sapo. Então indagou:

— É o sapo Xué?

— É... é... é... é... respondeu o sapo com a mesma ronqueira.

— Foi bom o senhor aparecer. Eu queria perguntar-lhe uma coisa...

— Que é?... que é?... que é?...

— É verdade que o senhor já atravessou o rio?

— É... é... é... é...

— Então me diga: o que tem do outro lado é mato?

— É... é... é... é...

— Só mato?

— É... é... é... é...

Então começou a chover. Carumbé voltou desenhado para a toca, enquanto o sapo grande recomeçava sua cantilena:

— Xué... xué... xué... xué...

Joana Borora ia continuar a história quando reparou que o menino dormia... A cantilena do sapo Xué dera ótimo resultado. Por isso ela aproveitou o tempo para dormir também até amanhecer...



XII

A SEGUNDA MÃE

QUANDO o dia clareou, Quinquim abriu os olhos e viu Joana Borora já acordada e olhando para ele com ternura. Teve um sobressalto e perguntou, sentando-se:

— Quem é você?

— Psiu! disse ela, pondo o indicador sobre os lábios. Você é um menino inteligente e corajoso! Escute o que eu vou dizer e não se espante nem fale alto, porque temos de conversar um segredo. Você gosta de segredo?

Quinquim respondeu, com um ar meio assustado:

— Gosto.

— Então me diga primeiro o seu nome.

O menino esfregou os olhos, arregalou-os para a professora e respondeu:

— Meu nome é Quinquim.

— Como?

— Meu nome é Joaquim Pereira Venâncio, mas me chamam de Quinquim.

— Muito bem, Quinquim. Agora você vai ficar sabendo quem sou: fui batizada com o nome de Joana Maria dos Anjos, mas me tratam de Joana Borora, porque sou filha de um cacique dos índios Bororo.

Quinquim teve um sorriso de compreensão e mudou logo de tratamento:

— Ah! a senhora é que é a mestra da Vila de Poxoreu?

— Sou eu mesma! Você me conhecia?

— Meu pai que falou. Ele quer me botar na sua escola, para a senhora me ensinar e tomar conta de mim, enquanto ele estiver no trabalho.

Só aí Quinquim percebeu que não tinha roupa e que a professora se achava apenas coberta com uma pele de maracajá. Ia indagar a razão disso, quando Joana explicou:

— Pois então?! Já estou tomando conta de você...

Ao ouvir essas palavras, Quinquim, que já estava bem acordado, olhou em volta da oca e para o teto baixo em forma de abóbada, e teve uma decepção:

— A escola é este forno?

— Não, Quinquim. A escola não é aqui.

— Onde é que estamos, então?

— Espere, que vou lhe contar. Você se lembra que teve um pesadelo?

— Foi sim, um sonho mau.

— Isso mesmo: um sonho mau, com índios...

— Lembro, sim.

— Lembra-se de que caiu da rede duas vezes?

— É mesmo.

— Lembra-se também da história do Carumbé que comecei a contar-lhe? continuou Joana a despertar, com cuidado, a memória do menino.

— Ah! já sei. Agora estou compreendendo: foi a senhora que contou a história e eu pensei que era minha mãe que ainda estivesse viva.

— Então vamos fazer um trato: eu fico sendo sua segunda mãe. Está bem?

— Está, respondeu Quinquim, sem muito entusiasmo.

— Mas as mães e os filhos se abraçam, não é?

— É, sim senhora.

— Então venha de lá um abraço, meu filho.

Os dois se abraçaram silenciosamente.

E foi assim, abraçados, que Joana Borora contou a Quinquim a terrível verdade, falando-lhe baixinho, rente ao ouvido:

— Quinquim!

— Senhora!

— Você tem confiança em sua segunda mãe?

— Tenho.

— Se eu lhe disser que não tenha medo, você terá medo?

— Não.

— Então vou lhe contar uma coisa, mas não tenha medo!

— Que coisa?

— O pesadelo que você teve não foi sonho não.

— Então o que foi?

— Foi verdade.

— Verdade? perguntou ele, erguendo a voz com assombro.

Joana apertou-o ainda mais nos braços recomendando:

— Quietinho! Foi verdade, mas não aconteceu desgraça nenhuma. Você está vivinho e eu estou aqui para fazer-lhe companhia até seu pai chegar.

--- Quando é que ele vai chegar?

--- Chega logo. Qualquer dia. A esta hora já está a caminho. Mesmo que ele demore um pouco, fique descansado que ele chega.

--- Mas ele sabe onde eu estou?

--- Na certa sabe. Mas se não souber não tem importância porque ele descobre logo.

--- E onde é que eu estou? perguntou ainda Quinquim.

--- Já vou contar. Mas quero saber primeiro como é que os índios trouxeram você para cá.



XIII

O CASO DE QUINQUIM

E o menino começou a contar:

--- Foi assim: Meu pai me deixou só em casa porque eu estava com muito sono. Assim que o sol enquentou, porém, espertei e pulei da rede. Senti fome e almocei. Meu pai não queria que eu abrisse a porta por causa da "pintada". Então fui para a janela. Nisso ouvi as galinhas cacarejando e pensei:

--- Coitadas! Devem estar com fome. Vai ver que meu pai se esqueceu delas.

Enchi uma cuia de milho e abri a porta sem me lembrar da ordem. Fiquei entretido um bocado, jogando milho para dentro do galinheiro e vendo a briga delas por causa dos grãos. Quando me virei para guardar a cuia vazia, que susto! Imagine que dei com um índio atrás de mim! Quis correr, mas ele me agarrou com tanta força que quase me quebrou os ossos. Gritei como um doido! Ele, porém, me tapou a boca e, pegando-me ao colo, correu comigo para o mato. Fiquei sem ar, de tanto que ele me apertava a boca. Mas sempre que podia, gritava!... Afinal, lá longe, ele me meteu num cesto, fechou-o e botou-o nas costas. Eu gritei, gritei, gritei, até que não pude mais. Então dormi. Quando acordei, no outro dia, estava solto, mas vários índios me espiavam. Comecei a gritar outra vez. Eles me deram frutas do mato, mas não aceitei. Então me puseram de novo no cesto e tocaram para adiante. E só paravam para abrir o cesto e me oferecer alguma coisa para comer. No princípio, eu só gritava. Acho que não tinha ninguém no mato caçando ou tirando lenha, não é? Ninguém me ouviu!

Aí eu estava com muita fome e comecei a aceitar tudo que me davam. Até uma perna de macaco, que eles pegaram e assaram, eu comi... faltava sal, mas estava boa.

Depois da segunda noite, sentia o corpo doído de estar todo o tempo encolhidinho, de mau jeito, no cesto. Tive medo, comecei a gritar e a chorar de dor, até que perdi o acordo de mim, acho...

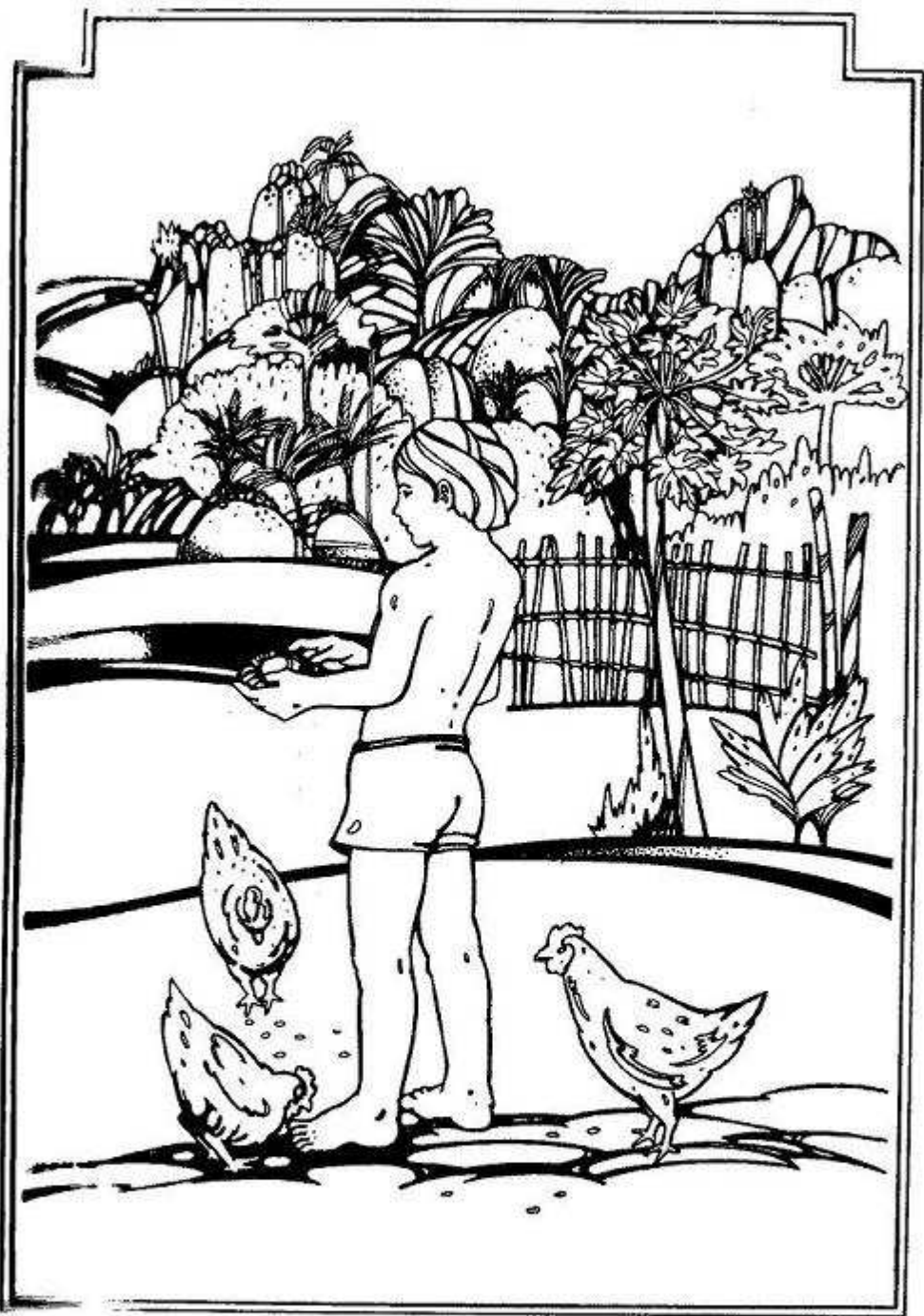
— Então, agora, já adivinhou para onde o trouxeram...

— Para este forno grande.

— Forno, Quinquim? Isto não é forno, é uma cabana de índio.

— Eles moram aqui?! Nós vamos morar com eles?!

— Não, esta oca é só nossa! Só nós dois é que



*Fiquei entretido um bocado jogando milho para as
galinhas e vendo a briga delas pelos grãos.*

vamos morar aqui até que seu pai venha. Você não quer morar comigo?

— Quero.

— Então? Não estamos tão mal assim.

— Mas onde é que eles moram?

— Nas outras ocas, vizinhas desta. Quando você sair, verá.

— Eu queria ir embora. Por que não vamos?

— Porque eles não deixam.

— A senhora podia pedir...

— Eles não me atendem.

— Mas não são seus amigos?

— Não, são inimigos. A minha raça é Bororo e eles são Xavante.

— Os Xavante não gostam dos Bororo?

— Não.

— Então estamos presos? Que vai ser de nós?! perguntou Quinquim, compreendendo afinal todo o horror da situação.

— Sim, meu filho, estamos presos, mas não se assuste, porque me prenderam também e eu não tenho medo deles. Sei que eles são valentes, vingativos e guerreiros. Mas não são malvados. E, vendo que o menino começara a tremer, apertou-o de encontro ao peito, explicando:

— Faça tudo que eu mandar, que eles não lhe causarão mal algum. Se seu pai demorar, eu arran-jarei um jeito de fugir. E quando menos esperarmos, estaremos livres, em Poxoreu, tomando parte numa grande festa, está bem?

— Está, respondeu Quinquim. Mas como foi que prenderam a senhora?

Joana Borora aproveitou a pergunta para contar ao menino a sua história e encorajá-lo com a certeza de que todos os homens de Poxoreu viriam em socorro

deles. Isso somado com Quincas Venâncio e seus companheiros, formaria uma tropa formidável.

— E nada de medo, ouviu? recomendou ela por fim.

O menino ganhou uma grande animação e sorriu, orgulhoso, imaginando seu pai à frente de tantos cavaleiros invencíveis! Mas ainda perguntou:

— Será que ele não vai ficar zangado de eu ter desobedecido?

— Não. Ele sabe que você já recebeu um grande castigo... Demais ficará tão alegre quando o encontrar de novo que vai esquecer tudo!

Levantando-se, então, meio acurvada para não bater no teto da oca, disse:

— Agora vamos sair, para ver como é que eles vão tratar seus hóspedes. Vamos comer o que eles nos derem e vamos fingir que tudo é muito gostoso.

— Mas eu vou sair nu? indagou, aflito, Quinquim.

— Você vai sair só com a roupinha que Deus lhe deu. Não se envergonhe. É preciso viver entre os índios como eles vivem.

E tomando a mão do menino, a professora levou-o para o terreiro.



XIV

OS ESPINHOS DE OURIÇO

AQUELA hora da manhã, toda a maloca estava deserta: os homens deviam andar na caça, os curumins brincavam nas moitas, as mulheres tomavam banho no rio. Isso queria dizer que os Xavante não tinham cuidado com os prisioneiros: uma mulher e um menino não precisam ser muito vigiados. Sabiam, além disso, com certeza, que a fuga era impossível!

A princípio, Quinquim caminhou hesitante, com receio de rever os índios que o haviam aprisionado. Olhou para as cabanas construídas em torno do terreiro circular. Admirou-se que, em todas, a abertura de entrada fosse tão baixinha que não daria para um homem, alto como seu pai, entrar de pé. Mas o vozerio das mulheres, lá para as bandas do rio, vinha até ele. E Joana perguntou:

- Quinquim, você sabe nadar?
 - Um pouquinho. Meu pai ia me ensinar.
 - Pois então vamos ao rio, que eu ensino. Assim, quando seu pai chegar, você já sabe e lhe faz uma surpresa. Quer?
 - Quero, sim senhora. Será que eles deixam?
 - Creio que sim.
- Nisto, ouviram o ganido de um cão e uma gritaria

de meninos selvagens. A atenção dos dois voltou-se para uma roça de milho, que ficava atrás da maloca. Eram curumins que gritavam nitidamente, muito alarmados:

— *Coandu! Coandu! Coandu!*

— É um ouriço, informou Joana ao menino.

Os ganidos se tornavam cada vez mais próximos até que surgiu um cão de pernas altas, mestiço de cachorro-do-mato. Trazia o focinho abaixado, pingando sangue. E continuava a ganir lastimosamente. Joana compreendeu logo o que acontecera e exclamou:

— Na certa foi acuar ouriço no mato e está com o focinho espinhado. Pobrezinho!

Atrás do cão, surgiram três curumins de entre o milhural. Ao se defrontarem com a moça e o menino, olaram-se, tomados de uma grande surpresa. Na véspera, não tinham visto nada, porque as crianças Xavante vão dormir quando o sol se oculta por cima da Serra Azul. E os prisioneiros haviam chegado depois, à boquinha da noite. Não puderam, por isso, esconder o seu assombro, vendo Joana Borora e, principalmente, aquele menino branco! E iam fugir, quando Joana lhes falou na língua Xavante:

— Venham cá! Não fujam! Vou tratar do cachorro mas preciso de vocês. Não se incomodem com o menino branco! O pai dele vai fumar o cachimbo da paz com o cacique.

Muito desconfiados, os meninos foram se aproximando. Joana insistiu:

— Vamos! Segurem o cachorro que eu tiro os espinhos!

Então o maior chegou mais perto e segurou o cão, sempre olhando para Quinquim.

— Como é o seu nome? perguntou-lhe Joana, com a maior naturalidade.

— Saguiru, respondeu ele.

— Saguiru, você é muito forte, mas a dor do cão é mais forte ainda. Chama aqueles dois para nos ajudarem também. Ele vai espernear e é preciso força, ordenou Joana ao curumim.

Este sorriu, mostrando os dentes, e gritou:

— Jaraqui! Veuá! Venham!

Só então os menores tomaram coragem e se aproximaram. Joana, como se já os conhecesse há muito tempo, continuou a dar ordens:

— Você, Saguiru, segura a cabeça. Você, Jaraqui, segura as pernas de trás. E você, segura as da frente. Vamos!

Os meninos assim o fizeram. E Joana, pegando com a mão esquerda por baixo do queixo do cachorro, pôs-se a arrancar, com a maior rapidez, os terríveis espinhos do pobre animal. Quinquim olhava a cena maravilhado! Não sabia o que mais admirar: se a obediência do próprio cão ou a dos três pequenos selvagens Saguiru, Jaraqui e Veuá. Assim que terminou a operação, Joana não perdeu tempo e disse:

— Agora vamos lavá-lo e ele ficará curado num instante. Pegou na mão de Quinquim e puseram-se todos a caminho da água. O cão ia tangido suavemente pelos três bugrinhos.

De propósito, Joana se encaminhou para uma volta do rio, afastada do ponto onde as cunhãs estavam tomando banho. Chegando à margem, ordenou:

— Arrastem o cão para a água!

Os três garotos puxaram o animal e... bumba! lá foram os quatro para o rio. Ela chamou Quinquim e entraram ambos também.

A água estava agradável e o cão parecia não estar sofrendo mais porque se pôs a nadar, alegremente, no meio deles.* Os bugrinhos se mostravam cada vez mais camaradas, embora lançassem, de vez em quando, um olhar estranho a Quinquim. Este, fascinado com

aquela banho inesperado no meio de garotos bronzeados, considerava Joana uma verdadeira fada! Não podia compreender como havia podido conquistar a confiança deles! Com certeza, ela lhes falara na língua Xavante com o mesmo bom jeito com que o consolara e lhe contara a história de Carumbé.

Inesperadamente, Joana deu um mergulho e agarrou a perna de Jaraqui. Este deu um grito e logo depois uma risada. O mesmo brinquedo ela fez com Veuá e Saguiru. E, em breve, era uma brincadeira geral. O cão latia divertido. Quinquim se encorajou e aproveitou para fazer-lhe uma festa, tornando-se assim seu amigo.

Nesse momento, as mulheres que já haviam, de longe, percebido a pagodeira, aproximaram-se, nadando. Veuá, Saguiru e Jaraqui foram ao encontro delas e lhes contaram, muito animados, o que tinha acontecido. Joana, disfarçadamente, prestou atenção ao que elas diziam que foi, em resumo, o seguinte:

— Janauí (o cachorro) descobrira um *coandu* e ficou com o focinho todo espinhado. Janauí chorava de dor: *conhein! conhein! conhein!* Então apareceu aquela moça estrangeira, com o curumim *tapuitinga* (o menino branco) e curou Janauí, arrancando-lhe os espinhos e banhando-o depois.

Ouvindo esta narração, as mulheres olharam para Joana com certa simpatia. Joana aproveitou para falar-lhes na língua Xavante. Foi um espanto geral:

— Você não é filha de Bororo? perguntou-lhe uma velha que parecia ter maior prestígio, no meio das outras.

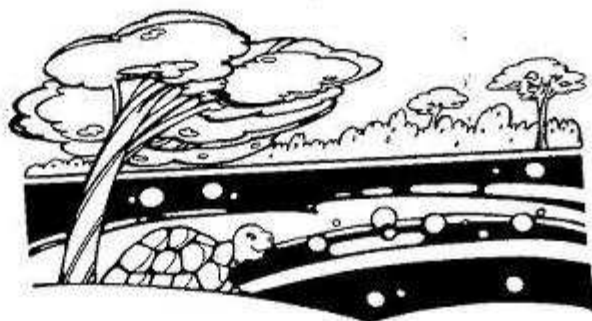
— Eu sou filha de Tupã, respondeu a professora querendo dizer que era cristã, filha de Deus.

— É por isso que ela curou Janauí, concluiu Veuá, o menor dos curumins.

As mulheres olharam-se em silêncio e foram saindo da água. Joana acompanhou-as, com intenção de

ajudá-las nos trabalhos caseiros. Quinquim, já sem medo nenhum, brincou com os três curumins e com Janauí.

Outros curumins mais ariscos foram se chegando e, em breve, Quinquim se misturava com eles, porque o brinquedo é uma linguagem que todos os meninos do mundo compreendem.



XV

A SEGUNDA NOITE

O dia correu alegremente para Quinquim e Joana Borora. As mulheres e os meninos não os tratavam como inimigos. Joana ensinou as Xavante a fazer novas iguarias de mandioca e milho verde: beiju-caribé, canjiquinha e pamonha, que elas gostaram muito.

O banho e o brinquedo deram a Quinquim muita fome. Por isso ele não teve cerimônia de comer tudo que lhe deram ao correr do dia, pois, como se sabe, os bugres comem sem olhar as horas.

Joana, percebendo que a deixavam em liberdade, andou à cata de embira pelas redondezas e, com espantosa agilidade, teceu uma pequena rede que levou para a oca que lhe fora destinada e amarrou-a aos varais,

bem baixinho, quase rente ao chão. Essa rede foi uma agradável surpresa para Quinquim que, ao anoitecer, devido aos sustos e às brincadeiras do dia, estava a cair de sono. Então deitou-se nela e adormeceu profundamente.

Joana deitou-se ao seu lado, no chão. Mas não dormiu com a mesma facilidade. À hora em que se deitou, chegavam os caçadores e vigias da tribo e ela reconheceu a voz do cacique, perguntando a um deles:

— Viu rastro de branco?

— Não, cacique.

— Continue vigiando, que eles devem estar no caminho! E muito cuidado com o pequeno *tapuitinga*! Se ele gritar de noite, faça-o calar com uma boa pancada!

— Sim, cacique.

Essa conversa tirou o sono de Joana. Não temia por si, temia pelo menino, a quem já queria bem como a um verdadeiro filho. Iria ele, de novo, gritar como na primeira noite? Todas essas preocupações fizeram com que só a muito custo conseguisse adormecer.

Noite alta, quando a tribo inteira dormia a sono solto, Quinquim ergueu-se na rede como se tivesse mola, e gritou:

— Mãe! Ó mãe!

Joana despertou assustada, sentou-se também, cingiu o menino ao peito e lhe disse:

— Estou aqui, meu filho! Deite-se quietinho, que eu lhe conto o resto da história de Carumbé. Você quer?

— Quero, respondeu Quinquim, deitando-se de novo, mais tranqüilo.

— Então escute, mas eu só conto com uma condição: você vai ficar de biquinho calado! Está bem?

— Está bem, disse o menino, segurando a mão de Joana e ajeitando-se na rede.

Lá ela começou a contar:

— Depois daquela conversa com o sapo Xué, Carumbé ainda ficou mais curioso e se resolveu a correr mundo para ver como ele era. Mas precisava pedir licença à mãe, por isso chegou-se perto de D. Jabota e lhe disse:

— Mãe, quero correr mundo...

D. Jabota, que estava esfregando o casco de um dos filhos para que as pintinhas ficassem brilhando, perguntou, distraída:

— Para que, meu filho?

— Para conhecer, mãe. Quem não procura conhecer não conhece nunca, não é verdade?

— É, meu filho.

— Então posso ir?

D. Jabota já andava desanimada de teimar com aquele filho pródigo. Em vista disso deu consentimento, dizendo:

— Pois vá, meu filho. Vá; veja o mundo todo, e volte para contar à gente como é.

— Obrigado, mãe, respondeu Carumbé.

E combinaram logo a partida.

No dia seguinte, de madrugada, os quatorze carumbezinhas colocaram-se em fila à beira do riacho, para se despedirem do irmão. Carumbé deu meio abraço em cada um, porque, como se sabe, os carumbés têm os braços muito curtos e só podem abraçar pela metade.

— Adeus, maninhos! disse ele.

— Adeus, responderam em coro os irmãozinhos.

D. Jabota, com uma grossa lágrima pendurada nos olhos, esticou o pescoço e cruzou-o com o pescoço franzidinho de Carumbé, pois é assim que as jabotas beijam os filhos.

E antes que ele se lançasse à água, que seria, ao mesmo tempo, o seu caminho e o seu meio de transporte, ela lhe fez as últimas perguntas e recomendações:

— Já preparou os remos?

Carumbé respondeu:

— Já... (Os remos eram as patas.)

— Já acertou o leme?

— Já... (O leme era o rabinho.)

— Já limpou o barco?

— Já... (O barco era o casco inteiro.)

— Já aprontou a rede?

— Já... (A rede era o casco de baixo.)

— Já tem seu guarda-chuva?

— Já... (O guarda-chuva era o casco de cima.)

— Já areou os escudos?

— Já... (Os escudos eram o casco de baixo e o casco de cima.)

— Então está bem, meu filho...

D. Jabota estava emocionada. Por seu gosto, prolongaria este diálogo por uma porção de tempo a fim de manter Carumbé ao seu lado. Mas era preciso se encher de coragem e deixá-lo partir. Então, reunindo forças, pediu, com insistência:

— Olhe, meu filho! Não esqueça dos meus conselhos! Vá pela sombra, não tome chuva, durma cedo, acorde cedo, não coma frutos verdes e evite as más companhias! E, vendo que ele já estava na beirinha da água, acrescentou: Vá com Tupã, meu filho. Adeus!...

— Adeus, mãe! exclamou Carumbé, mergulhando no rio; pouco adiante virou de costas e deixou-se levar pela correnteza.

D. Jabota e os carumbezinhas ficaram acenando, da margem, com os bracinhos curtos, até que ele sumiu numa curva distante. E voltaram depois para a toca.

O rio continuou rolando suas águas, rolando, rolando, rolando... rolan...do...

Joana ia acabar a história, mas verificou que Quinquim dormira de novo. Deitou-se de comprido no chão, e só aí pôde dormir sossegada até o romper do dia.



XVI

A TERCEIRA NOITE

O segundo dia passado na taba correu sem maiores novidades. Joana teve tempo de fazer uma boa rede para ela e colher folhagens e flores do mato para forrar o chão e enfeitar a oca.

À noite, quando já estavam deitados e Quinquim dormia um sono tranqüilo, ela ouviu de novo a conversa do cacique com os vigias da aldeia:

— Então, viram algum rastro de branco?

— Não, cacique.

— Não se descuidem! Eles hão de vir! Mas antes de chegarem havemos de prendê-los!

— Sim, cacique.

— É preciso não deixar que a Borora e o *tapuitinga* dêem sinal a eles. Já sabem o que devem fazer se eles tentarem fugir ou gritar!

Joana, coitada! perdeu o sono de novo, preocupadíssima.

Como poderia salvar Quinquim? Gritaria ele, outra vez, aquela noite? E como conseguiria comunicar-se com seus amigos de Poxoreu e com Quincas Venâncio para preveni-los da emboscada que os Xavante lhes preparavam?

Ela e Quinquim não podiam se queixar dos índios;

ainda não haviam sofrido nada. Mas lembrava-se de seus tempos de menina, das investidas que os Xavante costumavam fazer nas aldeias pacíficas de sua gente. Não se iludia, pois, com a luta que se preparava. Era preciso inventar um jeito de prevenir os brancos!

A noite já ia em meio, quando Quinquim deu o seu alarma de costume:

— Mãe! Ó mãe!...

— Estou aqui, meu filho, respondeu Joana, sobressaltada. Que é que você tem?! Olhe, fique quietinho que continuarei a contar-lhe a história de Carumbé.

Quinquim aquietou-se e ela continuou:

— Carumbé estava viajando ao sabor das águas, você se lembra? E, como o menino fizesse sinal afirmativo, prosseguiu: E assim, foi-se deixando levar pela correnteza, sem usar os remos, sem fazer força nenhuma. O rio corria entre árvores frondosas e a brisa fresca da manhã encrespava-lhe suavemente a superfície. Tudo contribuía para aumentar o prazer de Carumbé. Ia realizar o seu sonho! Era feliz!

Não se cansava de contemplar a copa do arvoredor, por onde os primeiros raios de sol penetravam a custo. Nisto, deu com uma preguiça no alto de uma embaúba e cumprimentou-a:

— Olá, preguiça! Bom-dia!

A preguiça não respondeu. Mas Carumbé estava doido por dar uns dois dedinhos de prosa. Por isso, breiou, nadando em marcha à ré ou dando contravapor, como se diz, e convidou:

— Desça um pouco, preguiça. Vamos conversar!

Mas a preguiça não respondeu.

— Está com preguiça de descer?

A preguiça não respondeu.

— Está com preguiça de conversar?

A preguiça não respondeu.

— Está com preguiça de responder?

A preguiça não respondeu.

— Então fique aí! exclamou Carumbé, desanimado. Fique aí, que eu vou-me embora para conhecer o mundo. Na volta eu lhe conto como é.

E soltando o breque, tocou a todo vapor.

Estava tão alegre que começou a cantar, de papo para cima:

— *A preguiça tem preguiça,
não gosta de se mexer...
E como é que ela não morre,
com preguiça de comer?*

Nisto, uma rãzinha saltou na barriga dele e lhe disse:

— Estou gostando de ver: o roto falando da es-farrapada...

Carumbé levou um susto enorme, vendo aquele bicho em cima dele. Mas logo deu uma risada, esticando o pescoço para ver a rãzinha bem de perto:

— Que é que você está falando, perereca?

— Estou falando, disse ela, que você está falando da preguiça da preguiça, e não passa de um preguiçoso de marca maior.

— Não confunda, perereca. Não confunda preguiça com vagar. Sou vagaroso é verdade, mas isto é muito diferente. O vagar é o segredo da pressa. De vagar se vai ao longe, fique sabendo.

— Quer dizer, com isso, que você pretende ir muito longe? perguntou a espevitada perereca.

— Vou ao fim do mundo, respondeu Carumbé com orgulho.

— Hum!... Ao fim do mundo?!

— Pelo menos!

— Sempre nessa velocidade? perguntou ela esbugalhando os olhos e pondo as mãos compridas na cinturinha magra.

— Não, uso quatro velocidades, respondeu ele com a mesma voz imponente.

— Quatro?!

— Sim, quatro.

— E quais são elas? Mostre-me!

— Mostrar não posso. Mas posso dizer-lhe.

— Então diga!

— Primeira velocidade: devagar. Segunda velocidade: devagarinho. Terceira velocidade: muito devagar. Quarta velocidade: muito devagarinho.

— Bravo! respondeu a perereca! Com essas velocidades todas, quem vai chegar ao fim do mundo é meu neto.

— E pelo que vejo você também está querendo ir...

— Eu?! Por quê?

— Porque entrou no meu barco de graça, sem pedir licença, sem pagar passagem. Mas isso não pode ser! Antes só do que mal acompanhado. E dizendo isto, o jabuti virou as costas para cima e lançou a perereca na água.

Continuou a navegar como se fosse num mar de rosas. De súbito, porém, alguma coisa atravessou-se na sua passagem. Ele levou um grande susto mas, verificando que não passava de um filhote de jacaré, alívio do ovo naquela noite, meteu o peito como um verdadeiro herói e cantou:

— *Vou contente!*

Xuá... xué...

Sai da frente,

jacaré...

O jacarezinho nadou para a margem o mais depressa que pôde. E ficou sabendo que, no mundo, não havia só jacarés.



— Você entrou no meu barco de graça, sem pedir licença, sem pagar passagem. Isso não pode ser!

De longe, Carumbé viu bater-lhe o papo de tanto pavor! E ainda disse:

— Conheceu, papudo? Carumbé não tem medo de bicho boca-tudo!

Joana, nesse momento, interrompeu sua narrativa porque o menino dormia. Voltou, então, para a sua rede e, morta de cansaço, dormiu também.



XVII

A MENSAGEM FLUTUANTE

MUITAS noites se passaram até que, certo dia, o tempo amanheceu enfarruscado, ameaçando chuva. Como de costume, Joana e Quinquim se encaminharam para o banho. A professora, cada vez mais preocupada, seguia em silêncio. Não cessava de pedir a Deus, no íntimo de seu coração, que lhe mandasse um jeito de comunicar-se com os brancos. Estes, àquela hora, deviam estar percorrendo o sertão bruto em busca de uma pista de seus raptos. Nisto, Quinquim abaixou-se, apanhou alguma coisa no chão, e mostrou-a a Joana, dizendo:

— Olhe aqui um espinho de ouriço, que a senhora tirou de Janaú.

Joana pegou o espinho e enfiou-o na pele de maracujá que lhe servia de roupa. Fez isso maquinalmente,

como se guardasse uma agulha, sem saber para que lhe serviria aquele pontiagudo espinho, mais duro de quebrar do que uma agulha de aço.

Ao chegarem ao rio, encontraram Saguiru, Jaraqui e Veuá, acompanhados de Janauí, numa engraçada brincadeira; eles tentavam cavalgar uma enorme purunga em cima da água, para descer sobre ela rio abaixo. O equilíbrio, porém, era quase impossível porque a purunga virava e... bimba! o cavaleiro pranchava de cabeça na água! Depois a purunga lá se ia sozinha, levada pela correnteza. Era, então, necessário nadar depressa para apanhá-la de novo.

Quinquim ficou logo fascinado por aquele divertimento. Joana, porém, ao ver a gigantesca purunga descendo ao sabor da correnteza, teve uma idéia súbita! E se ela enviasse a seus amigos, dentro daquele fruto, uma mensagem esclarecedora? Era tão grande que certamente chamaria a atenção de quem a avistasse das margens. Ela mesma, que sempre vivera no sertão e vira tantas cabaceiras carregadas, admirava-se do tamanho daquela purunga. E quem a avistasse não deixaria de pescá-la, pois um fruto assim tinha inúmeras utilidades. Ninguém poderia, no entanto, se aproveitar do fruto sem abri-lo e, abrindo-o, encontraria o recado que escrevesse.

A idéia era, sem dúvida, ótima! Mas como realizá-la? Onde escrever a mensagem salvadora? Demais, pensou, se abrisse a purunga para introduzir qualquer coisa, teria de fechá-la à prova d'água, senão, adeus mensagem!... E fechar à prova d'água era tarefa impossível.

Outra idéia, porém, iluminou seu espírito: reparou que a casca ainda estava verdoenga e que seria fácil riscá-la com uma ponta aguda. A mensagem seria, portanto, escrita na própria casca. Mas com quê? Ah! com a ponta do espinho de ouriço que trazia consigo!

— Deus me inspirou! pensou Joana, e seu coração bateu violentamente ao descobrir essa possibilidade. Agora era tratar de dar um jeito de atrair os curumins para outro brinquedo. Assim pensando, pegou um pedaço de pau, chamou Quinquim e lhe disse:

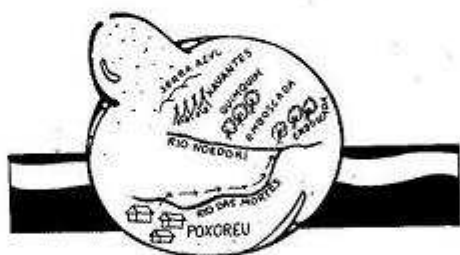
— Ensine o cão a apanhar este pau. Você o mostra bem a ele, depois o atira longe e corre com ele para que ele o pegue com os dentes. Atire no rio e nade para apanhá-lo de novo. Entretenha os curumins enquanto eu vou fazer um serviço. Quinquim obedeceu e se pôs a chamar:

— Janauí! Janauí! Janauí!

O cão saiu da água e aproximou-se. Quinquim lhe fez festas, mostrou-lhe o pau e atirou-o longe. Janauí olhou um instante indeciso, mas assim que percebeu que Quinquim se dispunha a apanhá-lo, passou-lhe à frente e alcançou o pau, que ficou farejando. Então o menino apanhou o pau, fez com que o cachorro o tomasse entre os dentes e o trouxesse até o local de onde o havia atirado. Repetiu a lição, mas não foi preciso acompanhar mais Janauí, pois este, um momento após, lhe trazia de volta o brinquedo. Então Quinquim foi para a margem do rio e jogou o pau na água. O cão, já treinado, lançou-se-lhe logo ao encalço. Saguiru, Jaraqui e Veuá, cansados da purunga, interessaram-se imediatamente pelo novo brinquedo. Vieram para a margem atirar galhos ao rio para Janauí pegar, enquanto o fruto ia rodando água abaixo.

Joana esperava esse momento, meio oculta entre a ramaria da margem. Então pôs-se a correr disfarçadamente, acompanhando a purunga até que, na primeira curva, se lançou na água e a trouxe para terra. Escondida atrás de uma moita, tirou o espinho de ouriço e com ele começou a desenhar e a escrever sobre a casca. Ó maravilha! O espinho riscava aquela superfície verde melhor que uma pena risca um papel!

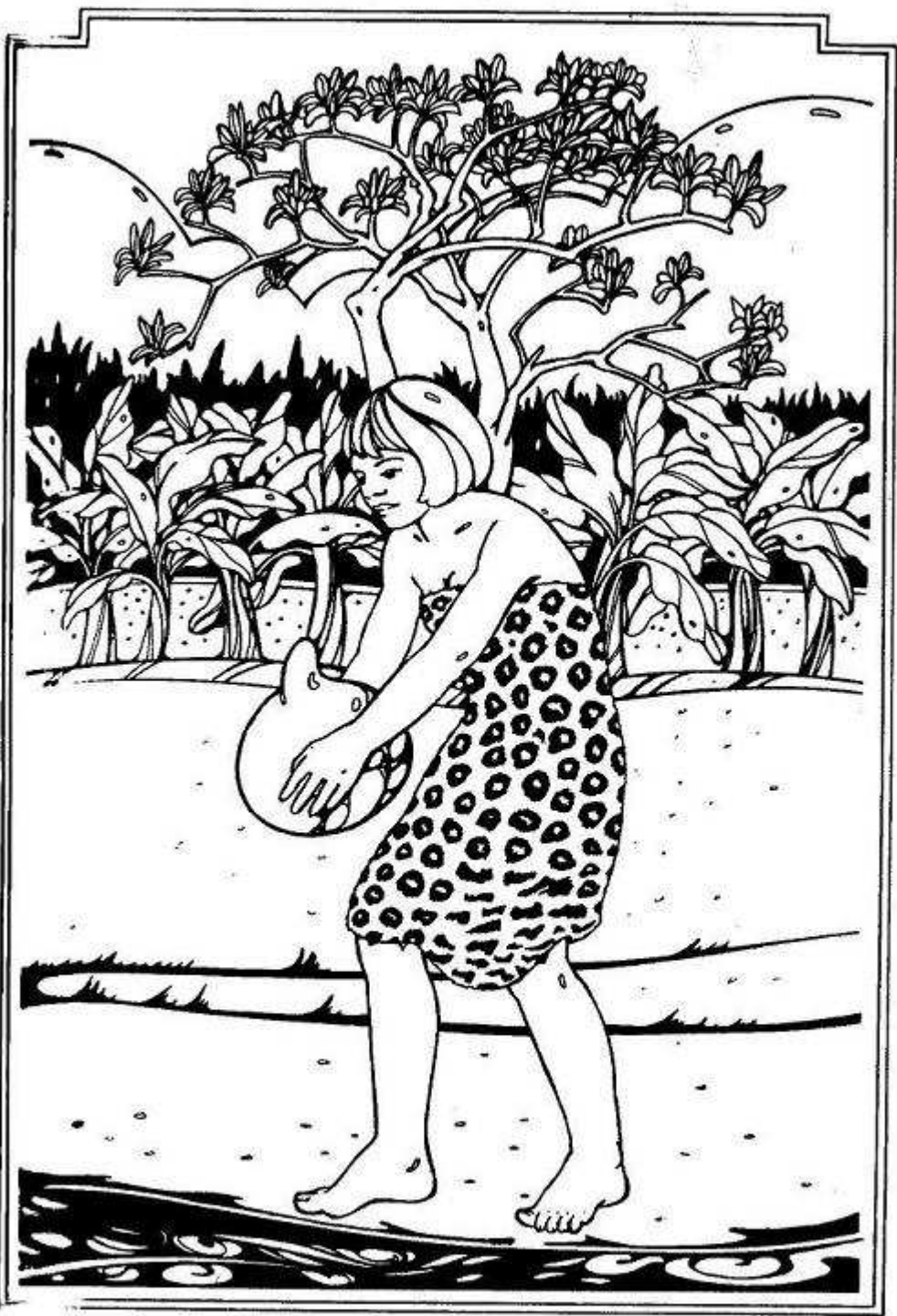
E Joana pôs mãos à obra: desenhou primeiro um grupo de casinhas ao lado das quais escreveu a palavra "Poxoreu"; depois, partindo dessas casinhas, desenhou flechas indicando uma direção até atravessar um longo risco no qual escreveu — "Rio das Mortes", e muitas outras flechas acompanhando esse rio pela margem esquerda até encontrar outro risco, sobre o qual escreveu — "Rio Noedori". Desenhou, em seguida, uma flecha atravessando o Rio Noedori e depois muitas árvores entre as quais escreveu a palavra "emboscada" mais de uma vez. Novas flechas indicavam o caminho até a aldeia dos Xavante no meio da qual escreveu o nome de Quinquim. Atrás da aldeia desenhou singelamente, com linhas curvas, umas montanhas, sobre as quais escreveu as palavras — "Serra Azul". Contemplou, então, satisfeita a mensagem, que era esta:



Nenhuma pessoa inteligente deixaria de entender o seu recado. Só então notou que o céu ficara escuro e que grossos pingos de chuva começavam a cair.

Joana deu por terminada a tarefa. Levantou-se, atirou a purunga na água e ficou olhando-a deslizar, até que a perdeu de vista. Então fez um gesto de adeus e disse:

— Deus te guie, purunga abençoada! Rio, seja bonzinho! Leve esta purunga até nossos amigos! Chuva, seja boazinha! Ajude o rio a levá-la depressa!



*Joana atirou a purunga n'água e ficou olhando-a
deslizar até que a perdeu de vista.*

Como se houvesse atendido a seu rogo, a chuva desabou violenta. Joana correu até onde se achava o bando de meninos e chamou Quinquim.

Quando todos se recolheram à aldeia, o aguaceiro já era torrencial.

E das bandas da Serra Azul, vinha um barulho de cachoeira...



XVIII

A PAPA-OVO

CHOVEU, choveu e choveu o dia inteiro. À noite, enquanto Quinquim dormia de roncar, na sua rede, e a chuva caía lá fora copiosamente, Joana se entregava a pensamentos desencontrados. Uma grande esperança enchia seu coração. De vez em quando, porém, uma dúvida a inquietava: a mensagem chegaria ao seu destino? Com a enchente, a purunga não seria empurrada para a margem e encalhada em gravetos e paus que sempre se encontram ao longo dos rios? Mas logo um pensamento agradável aliviava sua alma: com a violência do tempo e o volume de água que desabara

da serra, aumentara muito a velocidade da corrente. E uma purunga lisa não poderia encalhar numa correnteza tão forte!

Mal tivera esse bom pressentimento, Quinquim deu um grito mais alto que nas outras noites:

— Mãe! Ó mãe!

Joana acudiu-o, tapando-lhe a boca com a mão:

— Não grite, Quinquim! Estou aqui! Fique quietinho, que lhe conto o resto da história de Carumbé.

Mas tinha levado um susto! Felizmente o barulho da chuva abafa muitos outros ruídos, e o sono dos selvagens é pesado...

Joana, então, continuou sua história:

— Como lhe contei, Carumbé ia navegando conforme lhe dava na cabeça: ora navegava de costas, ora de frente. E assim foi descendo o rio, foi descendo, descendo... até que avistou um pé de taperebá, vergado ao peso de frutos maduros.

— Tupã está me ajudando! exclamou ele, porque plantou este taperebazeiro no meu caminho! Vamos aportar para colher alguns frutos. O chão deve estar cheio. Estou com fome e tenho o direito de comer, que hoje já naveguei muito.

Carumbé se dirigiu, então, para a margem e pisou no seco. Viu logo o chão forrado de frutos e ficou contente. Mal provou alguns, disse:

— Bem. Estou satisfeito. Não se deve comer até estufar a barriga. Fica feio, disse ele, esquecido de que barriga de jabuti, apertada no casco, não poderia estufar.

A verdade, porém, é que os frutos estavam apodrecidos. Nisto um bando de japins pousou no taperebazeiro. Carumbé se encheu de inveja e pensou:

— Aqueles felizardos é que comem frutos-saborosos, madurinhos, sem gosto de passados. E teve uma vontade doida de provar daqueles. Para isso, dirigiu-se a um dos pássaros e pediu-lhe cantarolando:

— *Japim, japim,
meu coração!
Olha para mim,
que estou no chão...*

O japim olhou e soltou um trinado que era uma verdadeira gargalhada. O resto do bando ouvira também e logo caiu, sobre Carumbé, uma chuva de frutos. Ele regalou-se a mais não poder lamentando usar um cinto tão apertado!... Quando, afinal, acabou de comer, despediu-se:

— Adeus, amigos, muito obrigado. Quando eu voltar do fim do mundo hei de trazer-lhes ricos presentes!

Os japins ficaram dando os seus trinados festivos e Carumbé se pôs a caminhar pela margem, falando com seus botões, como se usasse botões!

— É... Agora vamos caminhando um pouco a pé, para fazer a digestão. Minha mãe sempre me recomendou não molhar os pés depois da comida: dá reumatismo no casco.

Logo adiante viu, numa árvore, ninhos compridíssimos que pareciam enormes frutos pendurados.

— Olé! exclamou. Os amigos japins moram por aqui!

Estava ainda contemplando os ninhos, quando viu uma coisa como um cipó movediço, subindo pelo tronco. Carumbé espantou-se e perguntou:

— Olá, cipó! Quem o ensinou a se mexer?

— Não sou cipó, respondeu-lhe a coisa.

— Ah! então só pode ser a cobra-cipó, de que minha mãe me falou. Prazer em conhecê-la!

— Não sou cobra-cipó! Sou a papa-ovo!

— Papa-ovo?

— Sim, a caninana papa-ovo, tanto que venho aqui papar os ovos do japim.

Carumbé tinha o coração doce como um torrão de açúcar e resolveu fazer o possível para salvar os futuros japuzinhos...

— Ora, que idéia, dona Caninana! Não faça isso! A senhora não sabe que ovo de japim estoura a barriga de quem come?

— Já comi muitos: não me fazem mal nenhum, respondeu a caninana de lingüinha de fora, ao mesmo tempo em que alcançava um galho, na ponta do qual se achava pendurado um ninho de japim.

Vendo que sua mentira não dera resultado, Carumbé resolveu apelar para os sentimentos humanitários da cobra. E falou:

— Ó dona Caninana! Mas será que a senhora tem coragem?!

A caninana, porém, nem o deixou acabar a frase:

— Tenho coragem, sim. Japim nunca me fez medo.

— Não é isso que eu quero dizer! O que eu quero dizer... Carumbé estava atrapalhado para explicar-se. E a caninana era impaciente:

— Diga logo o que quer dizer!

— Quero dizer, dona Caninana, que a senhora, sendo tão bondosa como todos sabem, não há de ter coragem de matar essas criancinhas.

— Que criancinhas, bobo?

— Os ovos! Então os ovos não são crianças?

— Ovos são ovos, isso é que eu sei.

— Como assim? Então os ovos da senhora não são suas crianças?

— Mas eu sou incapaz de comer os meus ovos!

— Isso eu sei! Mas responda ao que eu estou perguntando: os ovos da senhora não são suas crianças?

— Meus ovos não têm comparação com ovos de japim! Deixe de tolices! Vou comê-los porque quero e pronto!

E quando a pava-ovo ia comer os ovos do japim, Joana notou que o menino ferrara no sono. Agora ela também podia adormecer tranqüilamente. E foi o que fez.



XIX

BOM-Ê! BOM-Ê!

CHUVAS violentas se desencadearam ainda por alguns dias. O rio rolava agora suas águas com um barulho surdo e ininterrupto. E o tempo não dava esperanças de melhorar. Joana reteve quanto pôde Quinquim na oca, receosa que ele se resfriasse, sob o aguaceiro. O menino, porém, se mostrava tão triste, com saudade de seu pai e da vida nos garimpos, que ela acabou dando-lhe alguma liberdade para que ele se divertisse com seus novos amigos.

Assim que a chuva diminuiu um pouco, Quinquim ensinou Jaraqui a abrir um reguinho para as águas correrem. E foi uma festa! Todos os curumins queriam ajudar a fazer o riacho, numa doida alegria. Como não possuíam propriamente brinquedos, era sempre preciso inventar alguma coisa e Quinquim não encontrava a menor dificuldade nisso. Dessa forma ia conquistando a simpatia e mesmo a amizade dos pequenos Xavante,

com a mesma facilidade com que soubera cativar o coração dos rudes garimpeiros.

Agora, anoitecia mais cedo. Logo que a tarde caía, uma profunda escuridão invadia as ocas. E não havia outro remédio senão tratar de dormir.

Antes que chegasse a madrugada, no entanto, Quinquim já dava o seu alarma de sempre. Joana não se espantava mais com seus terrores. Acudia-o, confortava-o carinhosamente, e logo lhe propunha a continuação da história de Carumbé. O menino, que era doidinho por histórias, acomodava-se na rede, disposto a escutar. Queria que a professora recordasse o que se passara com Carumbé e seu encontro com a dona Caninana. E ela atendia a seu pedido, dizendo:

— Carumbé viu a papa-ovo mergulhar de cabeça no profundo ninho do japim e ficou numa aflição medonha! Queria correr para avisar os amigos, mas quem diz que Carumbé pôde correr?! Queria gritar chamando por eles, mas seu grito era fraco e não ia muito longe. Estava, pois, nessa angústia, quando sucedeu uma coisa extraordinária: os japins, como se tivessem sido avisados, surgiram em numeroso bando, e caíram, como flechas, como raios vingadores, sobre a perversa caninana. Esta, que estava com a metade do corpo para fora do ninho, não teve tempo para voltar-se e defender-se com seus terríveis botes. Eles, então, à força de poderosas bicadas, partiram-lhe a espinha, puxaram-na e deixaram-na cair ao solo como um verdadeiro trapo.

A malvada havia recebido o castigo que merecia. Nunca mais paparia ovos de japim! Arrastaria ainda algum tempo aquela metade do corpo inutilizado, até que morreria sem deixar saudade.

Carumbé, que a tudo assistira emocionado, olhou a caninana nas contorções da agonia, lembrou-se de que há poucos minutos a vira tão audaciosa, e não se conteve. Chegou perto e zombou:

— Eu não lhe disse, dona Caninana, que ovo de japim estoura barriga?

A caninana não pôde mais responder, mas naturalmente já se convencera dessa verdade.

Carumbé olhou, então, para o alto, e elogiou os japins:

— Belo serviço, amigos! Mas me digam uma coisa: como foi que souberam do que se passava?

Um dos japins respondeu:

— Olhe mais para cima: o que é aquilo?

— Um vespeiro, disse Carumbé, sem compreender.

— Pois foram as vespas que nos avisaram. Você não sabe que elas são nossas comadres? Não sabe que só fazemos ninhos próximos delas?

Carumbé não sabia nada e estava surpreso. O japim continuou:

— Nossas comadres é que vigiam nossas moradas. E lhe contou muitos outros episódios interessantes em que os inteligentes insetos haviam salvo os japins e seus filhotes da maldade de ferozes habitantes da mata virgem.

Carumbé se distraiu um bocado com a conversa; de repente, porém, achou que devia prosseguir em sua viagem e despediu-se, dizendo:

— Bem, meus amigos, preciso ir chegando. Até a volta, se Tupã quiser. Não me esquecerei do presente que lhes prometi para daqui a algum tempo, quando vier do fim do mundo.

Os japins, que sabem arremedar outros pássaros mas têm um canto próprio, voaram para o tapereba-zeiro, cantando:

— Bom-é! Bom-é! Bom-é!

E como, quando se sentia alegre, virava poeta sem querer, Carumbé cantarolou logo este versinho:

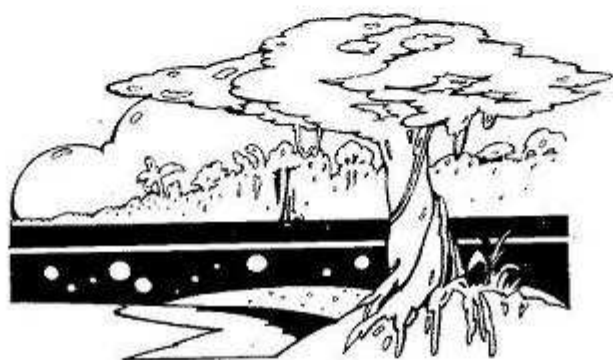
— *Papa-ovo não ouviu
conselho de Carumbé.
E em vez de ovo, o que viu?
Bom-é! Bom-é! Bom-é!*

E se afastou pensando que, de fato, bom é que a maldade receba seu castigo... Bom é que haja amigos que se lembrem da gente... Bom é que exista alegria neste mundo... Bom é que as crianças cresçam querendo bem aos animais... Bom é que os animais se façam queridos dos meninos... Bom é que os divirtam com suas aventuras animadas...

Nesse ponto da narrativa, Joana percebeu que Quinquim já não estava entendendo mais a história. Foi, então, repetindo, cada vez mais baixinho:

— Bom é!... Bom é!... Bom é, bom é... Até que ele adormeceu profundamente.

Chegara a sua vez de dormir sossegada.



XX

OS CEM CAVALEIROS

E NQUANTO essas coisas se passavam na taba dos Xavante, os cem cavaleiros que corriam em socorro de Joana Borora e Quinquim tinham achado a pista dos raptos e atravessado o Rio das Mortes. Essa

travessia fora penosa e durara um dia inteiro, devido às cargas de mantimentos, armas, munições e barracas.

Ao amanhecer do outro dia, todos prosseguiram viagem pela margem esquerda, sempre caminhando no sentido da corrente. De vez em quando, porém, eram obrigados a desviar-se e entrar pelo mato, porque nas cercanias do rio havia carrascais impenetráveis e alagadiços produzidos por chuvas recentes. Isso era causa de sério aborrecimento pois atrasava muito a marcha do bando.

Afinal, após alguns dias de caminhada, avistaram o Rio Noedori, sempre encontrando pegadas de bugres pela areia ou no chão enlameado e, entre essas marcas, outras menores que atribuíam a Joana Borora. Essas descobertas enchiam de animação os homens:

— Estamos no rastro deles, dizia Nico Manco. Não dou muitos dias e avistaremos a aldeia.

Só Quincas Venâncio não participava do entusiasmo geral. Não podia ter certeza de que seu filho ainda vivesse: não havia descoberto a marca de seus pezinhos em parte alguma! Teria ele sido levado em rumo diferente? Mas, nesse caso, seus raptos não eram Xavante, cujas aldeias, segundo se sabia, se espalhavam numa vasta área, à esquerda do Rio das Mortes. Para onde teria sido levado o querido Quinquim?

Estes pensamentos martirizavam o desolado pai. Só o ânimo de Chico Pongá lhe valia de consolo:

— Ora, homem! O menino foi levado com a professora, assegurava-lhe ele.

— Mas onde estão as pegadas do pobrezinho?!

Chico Pongá não sabia das pegadas mas nem por isso se mostrou atrapalhado. E explicou logo:

— Então você pensa que Quinquim, valente como é, iria seguir os índios sem lutar? Será que você não conhece o seu filho?

— Conhecer, conheço... Mas que tem isso?

— Tem muita coisa: um menino da força dele

não vai contra a vontade a parte alguma. Só carregado a muque. E foi o que se deu: ele foi carregado e por isso não se acham as marcas de seus pés, compreendeu?

Quincas Venâncio recebia essas palavras do amigo como presentes do céu. E ficava mais alegre. Chico Pongá, porém, mal acabava de tranquilizá-lo, sentia o coração apertar de ansiedade, pois também ele receava a sorte daquele companheirinho tão querido de todos.

Só Deus, em verdade, poderia saber o que fora feito do menino!

De súbito, um dia, José Piquete, que ia à frente, refreou o animal e avisou:

— Caiu alguma tromba-d'água na serra, porque o Noedori está cheio de meter medo! Olhem lá!

Os cavaleiros estacaram e firmaram os olhos: à distância o rio parecia tão largo que mal era possível distinguir a outra margem. O espetáculo era soberbo mas encheu de novas apreensões o coração de todos...

— Mau! Mau! lamentou Nico Manco. Assim não poderemos atravessar... E essas enchentes do sertão não acabam tão cedo! Em que mês estamos?

José Piquete respondeu:

— Janeiro, estamos a 15 de janeiro.

— Deus nos acuda! exclamou Nico Manco, abrindo os olhos, preocupadíssimo. Então a estação das águas já começou. O dilúvio vai continuar. Agora não há outro remédio senão acampar por aqui e esperar que Deus tenha pena da gente...

A essas palavras seguiu-se uma exclamação geral de desapontamento.

Chico Pongá perguntou:

— Será que não podemos atravessar assim mesmo?

Ele era bom mergulhador e não temia nem o volume das águas nem a força da correnteza.

— Podemos sim! concordou logo Quincas Venâncio, que estava com o coração saltando no peito para

passar o rio e seguir os rastros dos Xavante pela outra banda.

Nico Manco, porém, discordou com energia:

— Vamos deixar de loucuras, meus amigos. Como é possível atravessar esse mar com tantos cavalos e tanta carga?! Nós viemos aqui para morrer à toa, ou para salvar outras vidas? Estamos arriscando a existência, é verdade. Mas nem por isso devemos perdê-la sem proveito, não acham? Joana Borora e Quinquim esperam por nós. Devemos zelar por nossa vida para que não nos esperem em vão.

A maioria dos homens aceitou logo essas razões. E Chico Pongá e Quincas Venâncio, embora tão empenhados em fazer a travessia de qualquer maneira, não tiveram outro remédio senão concordar com eles.

Em vista dessa resolução, apearam todos e escolheram um lugar onde pudessem armar o acampamento. José Piquete e outros garimpeiros saíram à cata de frutos e cocos de carandá e catolé, cujas palmeiras existiam pelas redondezas.

Nico Manco, porém, avisou-os:

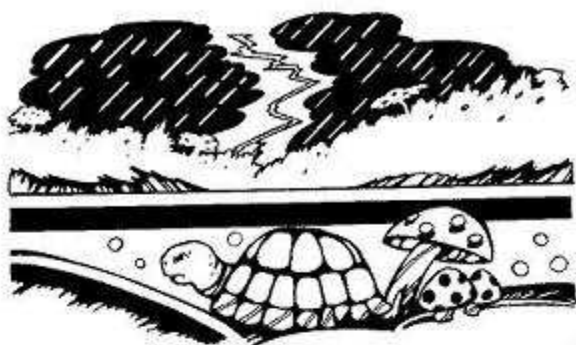
— Não façam fogo nem cacem a tiro, para não atrair a atenção dos Xavante, que podem estar por perto...

Parece que ele estava adivinhando: das árvores mais altas, do outro lado do rio, o olhar agudo dos vigias Xavante já tinha descoberto o acampamento dos brancos.

Chico Pongá tirou, então, uma rede que trouxera pendurada à sela de seu cavalo e prometeu:

— Sabem que mais? Para matar o tempo, vou pescar uns peixes para o nosso jantar.

E rumou para as barrancas do rio.



XXI

O GUARDA-CHUVA DO JABUTI

No decorrer da manhã, a chuva não cessou, e ainda varou a tarde e continuou pela noite adentro. Lá pelas tantas, Quinquim armou o berreiro de sempre e Joana tratou de aquietá-lo como costumava, continuando a contar-lhe a sua história:

— Então, Carumbé, depois de se despedir pela segunda vez de seus amigos japins, repetindo-lhes a promessa de presentes e mais presentes para quando voltasse do fim do mundo, resolveu navegar de novo: assim cansava-se menos e andava mais depressa. E caiu na água.

O tempo estava escuro. O céu transtornado. O vento começava a jogar terra nos seus olhinhos cintilantes. O trovão rolava, na altura, de um lado para o outro. E não tardou que a chuva desabasse.

Carumbé, a princípio, achou divertido aquele passeio aquático, sob as árvores zangadas, que discutiam agitando os galhos, as copas desgrenhadas, sacudidas pelo vento. Mas, em breve, caía um aguaceiro grosso de que ele não gostou muito.

— Bem, vamos abrir o guarda-chuva, lembrou ele. E abrigarei a cabeça debaixo do casco, que é, como se sabe, meu guarda-chuva natural.

Quando, porém, o rio cresceu, a velocidade da água aumentou e pesados galhos começaram a cair despencados pela ventania, Carumbé foi ficando menos contente. De súbito, um ramo tombou e colheu-lhe o casco em cheio, obrigando-o a dar um mergulho profundo e inesperado. Assim que voltou à tona, exclamou:

— Oi! Se este galho me pega a cabeça, adeus pensamentos!

A tempestade aumentava de furor; galhos de todo tamanho desciam, levados pela correnteza, empurrando Carumbé que nem podia, às vezes, endireitar-se, vogando aos trancos e barrancos, ora de costas, ora de frente, ora de banda, ora no fundo, ora à flor das águas.

O bombardeio da tormenta era tão terrível que Carumbé não tinha sequer tempo para pensar o que fazer. A floresta estava tão escura que ele seria incapaz de enxergar até as próprias pestanas, se por acaso tivesse pestanas.

Nisto, um relâmpago clareou tudo, como se a mata se houvesse incendiado, e Carumbé viu passar, ao seu lado, um capim grosso que poderia servir-lhe de apoio. Agarrou-o então, com unhas e dentes e ficou orgulhoso:

— Oi! Ainda há quem diga que não sou esperto! Agora não largarei este capim e já vou ver de que lado fica a terra. Vamos deixar de navegações com mau tempo, senão meu barco pode naufragar, e não vejo o fim do mundo!

O capim, porém, não estava agarrado à terra, como ele supusera, e eis que começou a arrastar Carumbé, numa velocidade mais incrível que a da própria correnteza.

Carumbé foi sentindo uma coisa esquisita, parecida com pavor, e resolveu indagar:

— Capim! Ó capim! Que pressa é essa?

O capim não lhe deu confiança. E continuou a correr em silêncio. Carumbé insistiu:

— Capim! Ó capim! De que terra você foi arrancado?

Não obteve resposta. Então, perdendo a esperança de explicar aquele mistério, Carumbé pensou em largar o capim, mas teve ainda mais medo de se ver só de todo. E aonde iria parar? Estava apavorado!

Essa viagem vertiginosa continuou por muito tempo e Carumbé deve ter perdido o acordo de si, pois, quando pôde novamente examinar o local em que se achava, a tempestade havia passado e o capim havia sumido:

— Arre! Aquele capim corria tanto que parece que ia tirar o pai da forca. Será que ele chegou a tempo de salvar o coitado?!

Mal sabia que o tal capim, que o rebocara rio abaixo, era, nada mais nada menos, que uma das cerdas ou barbichas de um surubim, o maior e o mais veloz dos peixes do rio.

Carumbé olhou para cima e viu o céu aberto, sem copas de árvores. E admirou-se:

— Gente! Que foi feito da floresta?

Olhou para a frente e só viu água. Olhou para a esquerda e só viu água. Olhou para a direita e só viu água. Olhou para trás e só viu água... Então ficou assombrado:

— Oi! Como é que a terra se acabou? Será que já cheguei ao fim do mundo?

Se fosse outro qualquer bicho menos esperto, pensaria que, realmente, ali terminava o mundo. Mas Carumbé aprendera a usar a inteligência. E vendo que a água corria numa direção, concluiu:

— Bem, se esta água está correndo, com certeza é um rio maior e vai para algum lugar. Pois vamos para lá.

Mal sabia que era o Rio Amazonas, o rio-mar, o

maior de todos os outros rios do Brasil e um dos maiores do mundo!

Assim pensando, acertou o leme, acionou os remos, e começou a navegar à deriva, isto é, ao sabor da corrente. Um bando de araras-canindés passava no alto. Carumbé mirou encantado as belas aves de peito amarelo e asas vermelhas e gritou:

— Olá! Olá! Oi!

Uma delas baixou sobre ele, fazendo um vôo peneirado. Carumbé entusiasmou-se e recitou-lhe logo um versinho:

— *Conheceu?*

Viu quem é?

Pois sou eu,

Carumbé...

Mas a arara-canindé, sacudindo as asas, gritou-lhe:

— Arara! Arara!

Achando que era desaforo, Carumbé replicou:

— Arara é você! Então você não se conhece?

E enquanto a arara, juntando-se ao bando, com ele sumia no horizonte, Carumbé comentou consigo mesmo:

— Neste mundo, há bichos capazes de tudo!

Aí o sol afundou nas águas e a noite veio vindo. Carumbé começou a contar as estrelas, mas em breve perdeu a conta. De repente, porém, teve uma grande alegria: de um lado, o céu ia-se iluminando, lentamente... Copas de coqueiros iam aparecendo e, rente a uma delas, surgia uma lua enorme!

— Obá!... Nunca vi coco tão grande! bradou ele. Tupã está me ajudando. Vou aportar de novo que são horas de dormir.

Assim dizendo, dirigiu-se para aquele lado e pouco depois pisava em terra firme. Encolheu-se, então,

dentro do casco, que era sua rede natural, e ferrou no sono.

Quando Joana chegou a esse ponto, foi também para a sua rede, porque verificou que Quinquim já estava dormindo...



XXII

OS VIGIAS XAVANTE

A chuvarada ameaçava não parar tão cedo. Joana Borora sabia disso, tão bem como Nico Manco e os habitantes daquele sertão. A estação das águas é um dilúvio menor, porém mais demorado que o de Noé: dura meses, e é preciso ter paciência para suportá-la...

Na situação da professora, a paciência é difícil mas indispensável. Por isso, naquele dia, ela despertara muito apreensiva. E só tinha pensamentos desanimadores e tristes. A chuva, que lhe parecera esplêndida para impelir a purunga mais depressa rio abaixo, poderia também impedir que seus amigos a encontrassem, pois o terreno encharcado se torna impraticável para a caminhada de uma expedição numerosa, como seria certamente a organizada em socorro deles.

Ao cair da noite, recolhida à oca, sua apreensão aumentou. Embalava a rede de Quinquim, quando ou-

viu a voz retumbante do cacique, que perguntava aos vigias recém-chegados da mata:

— Os brancos ainda continuam arranchados do outro lado do rio?

— Não, cacique. Hoje, pela manhã, não os vimos mais. Retiraram-se de madrugada.

— Que rumo teriam seguido?

— Voltaram para trás, com certeza.

— É preciso continuar a vigiar. Quando a enchente passar eles voltarão para atravessar o rio. Estão todos a postos?

— No alto de cada árvore há um Xavante à espreita, cacique!

Joana ficou com o coração sobressaltado: ela sabia que os brancos haviam acampado nas vizinhanças da taba. E isso lhe causara enorme alegria. Mas, ao mesmo tempo que tivera conhecimento de tal notícia, ficara sabendo que haviam levantado acampamento e sumido da vista dos vigias Xavante. Como explicar esse fato? Deveria perder as esperanças de que lhes chegasse algum socorro?!

De repente, porém, fez uma pergunta a si mesma: que rio seria aquele junto ao qual os brancos se arrancharam? só podia ser o Noedori e justamente na margem direita, porque os bugres estavam à espreita na mata que ficava à margem esquerda. Mas por que teriam levantado acampamento e voltado? por causa da enchente? mas não teria sido a enchente que, impedindo-lhes a marcha, os obrigara a acampar?

Foi, então, que lhe ocorreu uma explicação muito agradável: quem sabe se alguém não teria pescado a purunga e decifrado a mensagem? Só isso explicaria a mudança de rumo: eles não estariam indo embora e sim dando uma volta a fim de se livrarem das emboscadas e apanhar os Xavante desprevenidos. Esta idéia aliviou-lhe o coração, mas assim mesmo não dormiu, pois já devia ser bem tarde e preferiu esperar acordada

que Quinquim desse o sinal de espanto de todas as noites.

Não tardou muito e o esperado aconteceu: o menino acordou gritando e Joana consolou-o acariciando-o e prometendo-lhe a continuação da história de Carumbé.



XXIII

O FIM DO MUNDO

— **C**ONFORME eu lhe ia dizendo ontem, Carumbé, depois que alcançou a margem do grande rio, como se sentisse morto de cansaço, ferrou num sono pesado. Lá pelas tantas, apareceu o saci montado num porco-do-mato. Aproximou-se dele, apeou e disse ao animal:

— Pode ir embora, meu cavalo. Agora vou descansar por aqui e tirar umas baforadas de meu cachimbo.

E assim dizendo, sentou-se em cima do Carumbé, pensando que era uma pedra. Cruzou a única perna que tinha com a outra que faltava, bateu duas pedrinhas até tirar faísca, acendeu o cachimbinho e ficou tirando baforadas que não acabavam mais.

À medida que pitava, as brasas iam caindo em

torno ao jabuti até que uma caiu tão rente à sua careca encolhida que quase o queimou.

Carumbé acordou assustado. Quis recuar, para evitar que a brasa o chamuscasse, mas quem diz que podia?

— Misericórdia! Como estou pesado! comentou ele em voz alta, certo de que estava sozinho.

Mas não estava. Saci ouviu-o, levantou-se imediatamente, examinou-o à luz do cachimbo e disse lamentando o seu engano:

— Desculpe-me! Pensei que você fosse uma pedra.

Reconhecendo o saci, Carumbé desmanchou-se em amabilidades:

— Ah! desculpe-me não o haver reconhecido. Sente-se sem cerimônia. Faça de conta que esta cadeira é sua.

— Não, obrigado. Estive sentado muito tempo. Quer tirar umas baforadas? perguntou saci, oferecendo-lhe o cachimbo.

— Agradecido. Não fumo. Quem fuma perde tempo e eu tenho muito o que fazer!

— Quer dizer que o amigo está empreendendo uma grande obra... respondeu o saci, curioso.

— Não, uma grande viagem, explicou Carumbé.

— Pode-se saber para onde?

— Como não? Vou ao fim do mundo.

Saci deu uma risadinha aguda como um assobio de vaia, e perguntou, ainda:

— Ao fim do mundo? E sabe onde fica?

— Bem, onde fica não sei. O senhor, que sabe tudo, é que poderia ensinar-me.

— Poder eu posso. Mas depende...

— Depende de quê? Não compreendo...

— Sim, depende do caminho que você seguir.

Carumbé estava de boca aberta! E o saci, percebendo a sua surpresa, continuou a explicar:

— Sim, se você sair daqui e seguir em linha reta,

mas bem retinha, sem quebrar caminho e sem respeitar barreira de mato, água ou montanha, o fim do mundo é aqui mesmo.

— Como? Que é que o senhor disse? O fim é no princípio? perguntou Carumbé, cada vez mais embaçado.

— Isso mesmo, insistiu o saci. O fim será no princípio. Agora, se você quebrar caminho, der a volta às montanhas, desviar-se do curso dos rios que vão à sua frente, para seguir outros, que correm para outros lados, então o fim do mundo é muito mais longe.

Carumbé continuava na mesma, e confessou que estava completamente tonto com a explicação. Foi quando o saci resolveu dar um exemplo para se tornar mais claro:

— Se uma formiguinha andar pela casca de um coco, seguindo só numa direção, termina chegando no mesmo lugar, não termina?

— Termina, respondeu Carumbé.

— Pois faça de conta que você é a formiguinha e o mundo é um coco imenso.

— Sim, mas se o mundo é um coco, onde estará o coqueiro.

— O coqueiro não aparece, está escondido no céu, finge.

— Quer dizer que o mundo é só esse coco?! Fora desse coco não há mais nada?! . . .

— Há, sim. Há outros e outros que ninguém pode contar: o sol, por exemplo, é um coco de fogo, a lua é um coco descascado, as estrelas são coquinhos em brasa, que parecem pequenos mas, vistos de perto, são maiores que o sol.

— E fora desses coquinhos?

— Fora desses coquinhos, há outros que não vemos. . .

— Quer dizer que há sempre espaços de sobra?

— Sim, o espaço não tem fim.

— Mas não posso compreender uma coisa que não tem fim.

— Não faz mal que você não compreenda, o espaço continua não tendo fim mesmo.

— Mas eu queria compreender...

— Não queira compreender, Carumbé: há pensamentos grandes demais para o tamanho da sua cabeça!

E sem dar mais atenção ao jabuti, o saci despediu-se, dizendo:

— Bem, a madrugada vem vindo e eu vou indo

Antes, porém, vou lhe dar um conselho: aprenda a lidar com o bicho mais perigoso do mundo!

— Com o jacaré?

— Não, o jacaré é um pobre coitado!

— A anta?

— Qual! A anta é a minha montaria!

— A onça?

— A onça, nada! A onça é um carneiro.

— Então já sei: é a sucuri quebra-ossos!

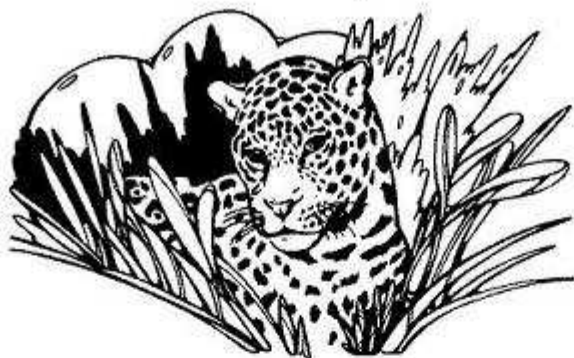
— Não, essa só espanta quem é mais bobo que ela.

— Então não sei...

— É o bicho homem! Um bicho que anda sobre dois pés e se parece com o macaco mas não é peludo.

Nesse momento, um relâmpago iluminou a cabana e Joana Borora percebeu que Quinquim dormira.

Então, encolhendo-se na sua rede, adormeceu também.



XXIV

O AMIGO-DA-ONÇA

QUANDO, naquele dia, anoiteceu, Joana Borora, cada vez mais preocupada com a sorte que teriam o pai de Quinquim e seus amigos de Poxoreu, recolheu-se à cabana cedo, mas não conseguiu dormir. Quinquim, ao contrário, embalado pelo barulho da chuva, que continuava a cair, mal se deitou na rede, começou a rressonar. Antes da madrugada, porém, um trovão muito forte acordou-o. E ele começou a chorar, chamando pela mãe. A professora, sempre atenta, tratou logo de acalenta-lo, dizendo:

— Não chore, Quinquim. Vou continuar a contar-lhe a história de João Carumbé, que estava à margem do Rio Amazonas, conversando com o saci.

Este lhe havia aparecido montado num porco-do-mato que é, segundo a lenda, o cavalo do saci. E já estava se despedindo de Carumbé, quando se lembrou de avisá-lo que tivesse cuidado com o bicho homem! Despertou, assim, a curiosidade de Carumbé, que não o deixou partir enchendo-o de perguntas e mais perguntas:

- Mas será que esse bicho é tão perigoso assim?
- Se é! respondeu o saci.

— Por quê? Ele é mais forte que a onça?

— Não, Carumbé, continuou o saci. Forte ele não é. Mas fica.

Carumbé, que estava todo arrepiado dentro da casca, tamanho era o medo que sentia do bicho homem, insistiu:

— Como, saci?

— Por causa das armas que inventa. É o único bicho inventor. Veja você: os outros têm garras, chifres, dentes, bicos, escudos, peçonha, ferrão, serras e outras armas naturais para atacarem e se defenderem. O bicho homem, porém, inventa coisas mais fortes e mais terríveis e dá cabo de todos eles. Portanto, atenção com ele! Precisa muito jeitinho.

— Jeitinho eu tenho, modéstia à parte, saci.

— Então não precisa ter mais nada.

— Nem medo?

— Nem medo! Só precisa ter cuidado. Todo cuidado é pouco.

— Fique descansado, amigo saci.

— Então, até um dia!

— Até... e obrigado pela lição!

— Por isso não tem de que...

Saci meteu dois dedos na boca. Ouviu-se um longo assobio e, quase no mesmo instante, surgiu o porco-do-mato. Saci deu um salto, caiu na garupa dele e saiu numa carreira desabalada, riscando o espaço com seu cachimbinho cospe-fogo. E sumiu.

Carumbé ficou meditando sobre aquela conversa. Que lição extraordinária recebera! Podia considerar-se, agora, diplomado em sabedoria!

— Que tolo eu era! disse consigo. O fim do mundo é lá em casa mesmo! Mas não faz mal. Isso não tem importância: vou continuar minha viagem ao contrário, andando do fim para o princípio.

Mal pensara isso, quando viu, no lusco-fusco da

madrugada, aproximar-se uma onça da beira do rio. Gelado de pavor, murmurou em segredo:

— Oi! É a hora da onça beber água! Se ela me vê, adeus bela viagem!

Dito e feito! A onça mal bebeu, voltou-se e deu com Carumbé. Deu um miado de satisfação, lambeu os beiços e espetou os bigodes no ar, cumprimentando-o:

— Olé! Feliz encontro! Bom-dia!

Tremendo por dentro, Carumbé respondeu, com um pigarro:

— Bom-dia, minha amiga!

— Amiga?! perguntou a onça, espantada. Quem já viu onça amiga de jabuti?! Amiga de comê-lo é o que você quer dizer, não é?

— Logo vi que a senhora estava enganada. Eu não me chamo jabuti, eu me chamo Carumbé!

— Não vejo diferença nenhuma: é um testudo como os outros.

— A diferença... a diferença... disse Carumbé, afastando-se para trás. A diferença é que... eu... Carumbé... sou o maior amigo-da-onça!

— Amigo-da-onça, não é? Amigo-da-onça, não é? perguntou ela avançando, enquanto ele recuava.

Nunca, na sua vida, Carumbé andara tão depressa em marcha à ré.

Quando a onça armou o pulo para pegá-lo, uma coisa passou zunindo por cima dele e foi cravar-se na garganta da malvada. Ela soltou um miado espantoso, saltando para trás. Imediatamente surgiu um índio e meteu-lhe uma comprida lança, com ponta de osso, na barriga. A fera tentou defender-se mas foi inútil. Quando, afinal, baqueou vencida, Carumbé, que assistira à luta encolhidinho em seus escudos, suspirou aliviado e recitou um versinho:

— *Eu bem que avisei,
você se fez de sonsa!
Eu fui, sou e serei
um grande amigo-da-onça!...*

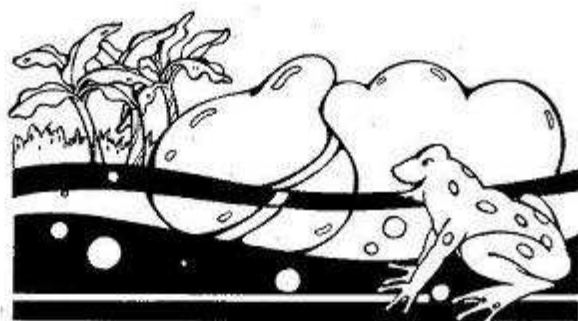
O índio, vendo Carumbé, abaixou-se e apanhou-o, dizendo satisfeito:

— Vou levá-lo para Guanumbi...

Botou-o num baquité que trazia às costas e voltou à cabana, arrastando a onça pela cauda.

E foi assim que Carumbé conheceu o homem e se tornou companheiro de mil aventuras de Guanumbi, o curumim mais valente da taba.

Aqui Joana interrompeu a história porque Quinquim dormia de novo.



XXV

A PURUNGA ENSINADA

PASSARAM-SE dias e noites, muitas noites e muitos dias. Joana Borora se enchia de esperanças quando o tempo melhorava:

— Ah! pensava ela. Agora o rio vai baixar. O sol vai enxugar a terra e os nossos amigos brancos aparecerão, quando menos se esperar...

As chuvas, porém, voltavam e o desespero tomava

conta dela novamente. Olhava, então, o céu pesado e indagava:

— Será que esse dilúvio não acaba?

Todas as noites, sem falhar uma que fosse, contara ela mil aventuras de Carumbé com seu companheiro inseparável o curumim Guanumbi. Quinquim se mostrava cada vez mais interessado por aquela história sem fim, e isso era um consolo para Joana que tanto se empenhava em salvar o menino dos perigos que os ameaçavam. Ele estava se curando de seus terrores noturnos e não dava mais gritos na calada da noite. Acordava apenas e pedia baixinho:

— A senhora quer continuar a história de Carumbé?

Joana, agora, às vezes, nem se levantava; sentava-se na rede e, com toda a ternura, contava, contava, até que ele dormia de novo.

Já fazia mais de três meses que estavam prisioneiros quando o tempo ficou firme, o céu clareou de uma vez e o rio começou a baixar. Com os raios de sol entraram novas esperanças no coração daquela filha da selva que vivia dizendo consigo mesmo, a fim de animar-se:

— Ah! meus amigos não devem tardar! Agora não há mais motivos para demora. Depois ficava apreensiva, pensando: Saberão eles livrar-se das tocaias da mata?!

Deus os havia de salvar e guiar até a taba Xavante!

E olhava enternecida para Quinquim. Este, às vezes, parecia conformado com a prisão em que viviam, mas entristecia assim que a noite chegava, e indagava de Joana:

— Será que meu pai não vem nunca?

— Vem, Quinquim, como não?

— Mas quando será que ele chega?

— Quando as águas do rio baixarem de uma vez, respondia ela, enchendo-se de ânimo.

Certa noite, porém, teve um susto: começou a escutar um grande burburinho no terreiro. Como já estava recolhida à oca, espiou disfarçadamente e viu um agrupamento em torno do cacique como nunca vira antes. Tal era a quantidade de índios, que lhe pareceram mais de quinhentos.

De repente, houve silêncio e a majestosa voz do cacique se fez ouvir:

— Mandei chamá-los, meus guerreiros, para prevenir a todos. O rio baixou tanto que, em certos pontos, dá passagem a vau. Os brancos hão de querer atravessá-lo. É preciso deixar que passem um por um. Só depois que tiverem penetrado na mata é que devem ser cercados, atacados e presos. Mas eles têm armas. Do alto das árvores vocês cairão sobre eles antes que possam fazer uso delas. Hoje ordenei que alguns vigias atravessassem o rio e descobrissem o ponto onde estão. Amanhã teremos notícias do caminho que pretendem fazer. Estamos entendidos?

— Estamos, cacique! respondeu aquela multidão de índios com um ruído de trovoadas.

Joana ouviu aquela conversa de coração transido. Como enfrentariam os brancos o ataque de tantos Xavante? A luta ia ser desigual: se os brancos traziam armas de fogo, os indígenas contavam com a superioridade da surpresa do ataque e do número de guerreiros — talvez dez Xavante para cada branco! Ela ignorava o número de homens que haviam deixado Poxoreu para salvá-los. Mas sabia que a vila não tinha número muito elevado de habitantes e, afinal, nem todos haviam de vir em auxílio deles... Demais, dentro da floresta, o índio está em sua casa, o que não acontece com o homem civilizado.

Quinquim naquela noite acordou mais cedo, e como sempre acontecia, só dormiu de novo depois que

ela lhe contou mais episódios da história de Carumbé. Joana, porém, não conseguiu "pregar" olhos, pensando na tragédia que seria a luta dos brancos dentro da floresta desconhecida, onde cada copa de árvore era um esconderijo de astuciosos guerreiros.

De manhã sua angústia aumentou. Ao sair ao terreiro com Quinquim, viu um grupinho de cunhantains, — eram cinco ou seis meninas, rolando pelo terreiro uma purunga enorme, parecida com aquela em que gravara a mensagem. Tinha o formato igual, só a casca é que não era verde e sim parda, justamente cor de cuia, como se costuma dizer. Joana sentiu-se curiosa e, embora convencida de que não podia tratar-se da mesma, aproximou-se para ver melhor. De súbito, porém, teve um baque no coração: vira na casca o mesmo desenho que fizera na outra! Não podia haver dúvida! A purunga voltara!

De coração aos saltos, examinou atentamente o fruto: com o amadurecimento da casca, o desenho se tornara menos visível, menos nítido, mas era o mesmo, portanto a purunga não poderia deixar de ser a mesma também. Isso queria dizer que de nada lhe valera a idéia! Algum dos guerreiros Xavante a havia, por certo, pescado no rio, e trazido à taba de novo! Seu desespero foi tão grande que as lágrimas lhe vieram aos olhos. Mas reagiu ao desânimo e resolveu esclarecer o mistério.

Dirigiu-se, então, à indiazinha que, no momento, sobraçava a purunga e lhe disse:

— Bonita purunga! Quem lhe deu?

A pequena abraçou-se com mais força ao grande fruto e respondeu, um tanto desconfiada:

— Minha mãe.

— E quem deu à sua mãe? insistiu Joana.

— Foi o rio... o rio que trouxe... Minha mãe pegou lá... e apontava para a corrente.



Joana dirigiu-se à indiazinha que sobraçava a purunga e disse: — Bonita purunga! Quem lhe deu?

— Lá? naquele ponto?! indagou Joana assombrada. Não foi lá embaixo?

— Não. Foi lá sim, concluiu a pequena indicando com o dedo o mesmo ponto.

Então um tumulto de pensamentos agitou a alma de Joana. Como poderia ter sido a purunga achada num ponto acima daquele em que fora lançada na correnteza? Ela mesma a vira sumir-se lá embaixo, numa curva distante do rio. Aquilo era um mistério!

Disfarçou sua emoção o quanto pôde e perguntou, ainda, observando de muito perto a purunga:

— Sua mãe vai fazer cuias com ela?

— Não. Ela deu para eu brincar...

— É bonita! Grande e enfeitada! acrescentou ainda a professora, enquanto, num relance, reparava que, além das flechas que ela desenhara, indicando o roteiro que seguira com os Xavante, havia muitas outras subindo a margem esquerda do Rio Noedori até suas nascentes, na Serra Azul.

Então compreendeu o mistério que lhe parecera inexplicável! Aquelas novas flechas mostravam três coisas extraordinárias: primeira — os brancos haviam pescado a purunga e decifrado a mensagem; segunda — haviam mudado de rumo para evitar as emboscadas, subindo a Serra Azul até dar volta às nascentes do Noedori, para atingir a aldeia por outro lado; terceira — haviam desenhado novo rumo e lançado a purunga outra vez à correnteza, no desejo de enviar uma resposta à sua mensagem e, se possível, preveni-la de sua próxima chegada.

Joana Borora respirou profundamente. Um sorriso de felicidade iluminava-lhe a fisionomia. E quis que o menino participasse de sua felicidade. Por isso voltou à oca e chamou-o:

— Quinquim! Venha cá!

O menino atendeu prontamente ao chamado. Ela ajoelhou-se, abraçou-o e beijou-o, exclamando:

— Louvado seja Deus, Quinquim! Estamos salvos! Seu pai vem aí. . .

— Hoje? perguntou Quinquim, pulando de contentamento.

— Hoje ou amanhã, respondeu ela.

— Mas como é que a senhora sabe?

— Eu recebi uma carta de Deus, explicou rindo. E como Quinquim se mostrasse intrigado e incrédulo, sentou-se nos calcanhares e contou-lhe a maravilhosa aventura daquela purunga, que fizera uma viagem de ida e volta, sempre descendo o curso de um rio.

Quando Joana acabou sua narrativa, Quinquim não continha seu entusiasmo, e exclamou:

— Mas que purunga ensinada!



XXVI

A CENTÉSIMA NOITE

NAQUELA noite, quem perdeu o sono foi Quinquim. Era tamanha sua alegria pensando em rever o pai, que virava para um lado e para o outro, continuamente, sem achar jeito na rede. Joana percebeu sua inquietação e resolveu distraí-lo, contando-lhe a história de Carumbé, do ponto em que ficara na véspera. E lhe disse:

— Quinquim, vou contar-lhe, agora, uma aventura incrível que tornou Carumbé famoso em todas as tribos do sertão!

Quinquim estava com a cabeça cheia da luta que se preparava, mas, como era doidinho para ouvir histórias, ficou quieto e se dispôs a escutar. E Joana começou:

— Carumbé e Guanumbi, o pequenino índio que se tornara seu amigo inseparável, viviam fazendo travessuras e pregando peças aos animais na floresta. Realizavam proezas extraordinárias! Guanumbi era afoito, mas quem tinha as idéias era Carumbé. E andavam nessa boa-vida, quando a tribo de Guanumbi foi atacada por índios inimigos, enquanto eles passeavam fora.

Os homens e as mulheres procuraram salvar-se fugindo e ocultando-se na mata. Mas o pai de Guanumbi fora levado como prisioneiro. Quando o curumim chegou de seu passeio e soube do que se passara, pôs-se a chorar e gritar como um desesperado. Vendo-o naquela aflição Carumbé falou:

— Fique tranqüilo! Vou salvar meu salvador! Chegou a vez de pagar minha dívida de gratidão!

Carumbé dizia isso, porque era reconhecido ao pai de Guanumbi, que o salvara das garras da onça. Mas o curumim continuava angustiado, porque não via jeito de salvar seu pai. Carumbé também não sabia bem como seria possível, mas seu desejo era tão sincero que estava certo de conseguir alguma coisa em favor do amigo. E pensava:

— Tupã há de me ajudar.

Então, voltando-se para Guanumbi, disse-lhe:

— Pegue na pederneira e venha comigo. A pederneira era uma pedra com que os índios adiantados fazem fogo.

Guanumbi, acostumado a confiar na inteligência de Carumbé, seguiu-o cegamente. E caminharam, ca-

minharam, caminharam seguindo sempre o rastro dos inimigos, até que descobriram a taba e viram o pai de Guanumbi já amarrado ao mourão dos condenados.

— Coitado de meu pai! lamentou o curumim. Será que eles vão matá-lo!?

— Calma, Guanumbi. Eles não vão matá-lo! Então para que foi que nós viemos aqui? Vá colher resina aí pelo mato e volte logo, que a noite está chegando.

Guanumbi afastou-se, deu uma busca pelas árvores e voltou, pouco depois, trazendo uma boa quantidade de resina. Carumbé, então explicou:

— Grude isso nas minhas costas e vamos esperar a noite.

Se ele mandou, Guanumbi melhor fez, de modo que o casco de cima de Carumbé ficou revestido de uma espessa camada de resina. E esperaram escurecer.

Quando era noite fechada, o jabuti ordenou:

— Agora bata a pederneira e toque fogo nas minhas costas!

— Mas não vai queimar você? indagou o curumim, assustado.

— Já, já, não... só mais tarde...

Então Guanumbi tirou a faísca e ateou fogo ao costado de Carumbé, que ordenou:

— Agora me acompanhe de rastros. E se pôs a caminhar como se fosse um ouriço de fogo. Guanumbi o seguia, rastejando. E assim deixaram o mato e entraram na taba onde a tribo dormia, sonhando com a vitória alcançada.

A sentinela que tomava conta do prisioneiro, ao ver aquele fogo aproximar-se do mourão, fugiu apavorada, gritando:

— *Boitatá! Boitatá! Boitatá!*

— Depressa! ordenou Carumbé novamente. Desamarre seu pai.

À luz daquele foguinho, Guanumbi conseguiu desatar os nós da muçurana e libertou o pai. Então Carumbé acrescentou:

— Agora joguem terra sobre mim senão estou frito! E depois fujam, que eu irei mais tarde.

Guanumbi e seu pai se abaixaram no mesmo instante e jogaram tantos punhados de terra sobre Carumbé que o fogo se apagou e ele ficou meio enterrado. Imediatamente os dois desandaram a correr na direção da mata e nela se afundaram.

Quando a tribo despertou, com o alarma da sentinela, já era tarde: não havia mais ninguém no mou-rão! E a sentinela jurava que o boitatá, isto é, a cobra-de-fogo, havia levado o prisioneiro.

Os índios ainda deram, inutilmente, buscas pelas redondezas, passando e repassando sobre o Carumbé, que estava transformado num montinho de terra. Acabaram, então, desistindo e foram dormir de novo. Aí Carumbé sacudiu a terra que estava sobre seu costado e voltou calmamente para a taba de Guanumbi.

A fama de Carumbé, depois dessa aventura, correu o sertão. E foi por causa desse acontecimento que os índios começaram a contar histórias do jabuti que, afinal, não era outro, senão o próprio Carumbé.

Nesse ponto, Quinquim, que já estava morto de sono, perguntou:

— E Carumbé nunca mais voltou à casa dele?

— Voltou sim, quando Guanumbi ficou moço e se tornou cacique de sua gente.

— Mas Carumbé chegou lá?

— Por enquanto não se pode saber porque ainda está caminhando... Agora vai nadando contra a corrente dos rios, de modo que a viagem ainda vai durar cem anos. Mas Carumbé vai satisfeito, certo de encontrar a mãe ainda jovem e seus quatorze irmãozinhos fortes e alegres, embora um pouco bobinhos. E vai cantando:

— *Vou chegando,
Xua... xué...
Vou remando
Contra a maré...*

Joana foi repetindo esses versinhos, cada vez mais suavemente, enquanto embalava a rede, até que Quinquim dormiu.



XXVII

O MAIS BELO DIAMANTE

O sol apontava, dourando os picos da Serra Azul, quando Joana despertou Quinquim e veio para a porta da oca ajeitar os negros cabelos com um pente, que ela mesma havia fabricado com espinhos de juçara, e enfeitado com penugens multicores de passarinho.

A maloca estava deserta de homens. As mulheres e as crianças, porém, já se achavam na beira do rio. Janauí, que se tornara fiel amigo dela e de Quinquim, estirara-se a seu lado. Mas, de repente, ergueu a cabeça, espetou as orelhas no ar e olhou para o lado da serra. Imediatamente saiu em disparada naquela direção, mergulhando na tiguêra que havia por trás da ma-

loca. Joana, que estava de coração prevenido, avisou Quinquim:

— Janauí sentiu alguma novidade! Vá ver o que é.

Quando acabou de pentear-se, o cão acuava à distância, latindo furiosamente. Seus latidos atraíram as mulheres e crianças que, abandonando a água, correram para o terreiro. Saguiru, que vinha à frente, olhou para a serra e deu o alarma:

— *Tapiraguaçu! Tapiraguaçu!*

Ele queria dizer que eram cavalos e homens brancos. Mas como não conhecia cavalo, chamava esse animal de *tapiraguaçu*, isto é, anta grande.

Um grito uníssono de terror saiu da garganta das cunhãs, dos curumins e das cunhantains no momento em que irrompiam da tigüera dezenas de cavaleiros brancos apontando as armas para o grupo e marchando unidos. Vinham à frente Quincas Venâncio, Chico Pongá, José Piquete e Nico Manco. Janauí recuava, continuando a latir como um doido.

As mulheres e crianças Xavante apanhadas de surpresa e sem meios de se defenderem, estacaram aparvalhadas, enquanto Quinquim e Joana corriam ao encontro dos brancos.

Os cavaleiros frearam, então, os animais. E era tempo pois Quinquim se aproximara tanto que já agarrava a rédea da montaria de Quincas Venâncio, exclamando:

— Meu pai!

— Quinquim, meu filho! bradou o garimpeiro, tomado de profunda emoção. E, pondo a espingarda ao ombro, abaixou-se e estendeu a mão ao menino, dizendo:

— Suba aqui!

Quinquim não se fez de rogado: pulou e encarpitou-se na frente do pai, que o abraçou, chorando.

Nesse momento, Joana Borora alcançava o grupo e ordenava aos cavaleiros:

— Guardem as armas! Não há perigo de resistência. Os homens todos estão longe, andam lá pela mata.

— À nossa espera, não é? perguntou indignado Nico Manco.

— Sim, na tocaia como sempre! respondeu ela.

— Pois então vamos ao seu encontro, para lhes dar uma lição!

— Não, não devemos fazer isso. Vamos arriscar vidas à toa. O que devemos fazer é justamente o contrário: é tratar de atravessar o rio e voltar a Poxoreu, evitando qualquer espécie de luta.

A moça Borora como que assumira o comando dos cem cavaleiros. Quincas Venâncio olhava para ela com os olhos cheios de surpresa e a alma transbordante de gratidão.

Voltando-se, então, para as cunhãs, ainda abobadas com aquele espetáculo, ela as encorajou, dizendo na língua Xavante:

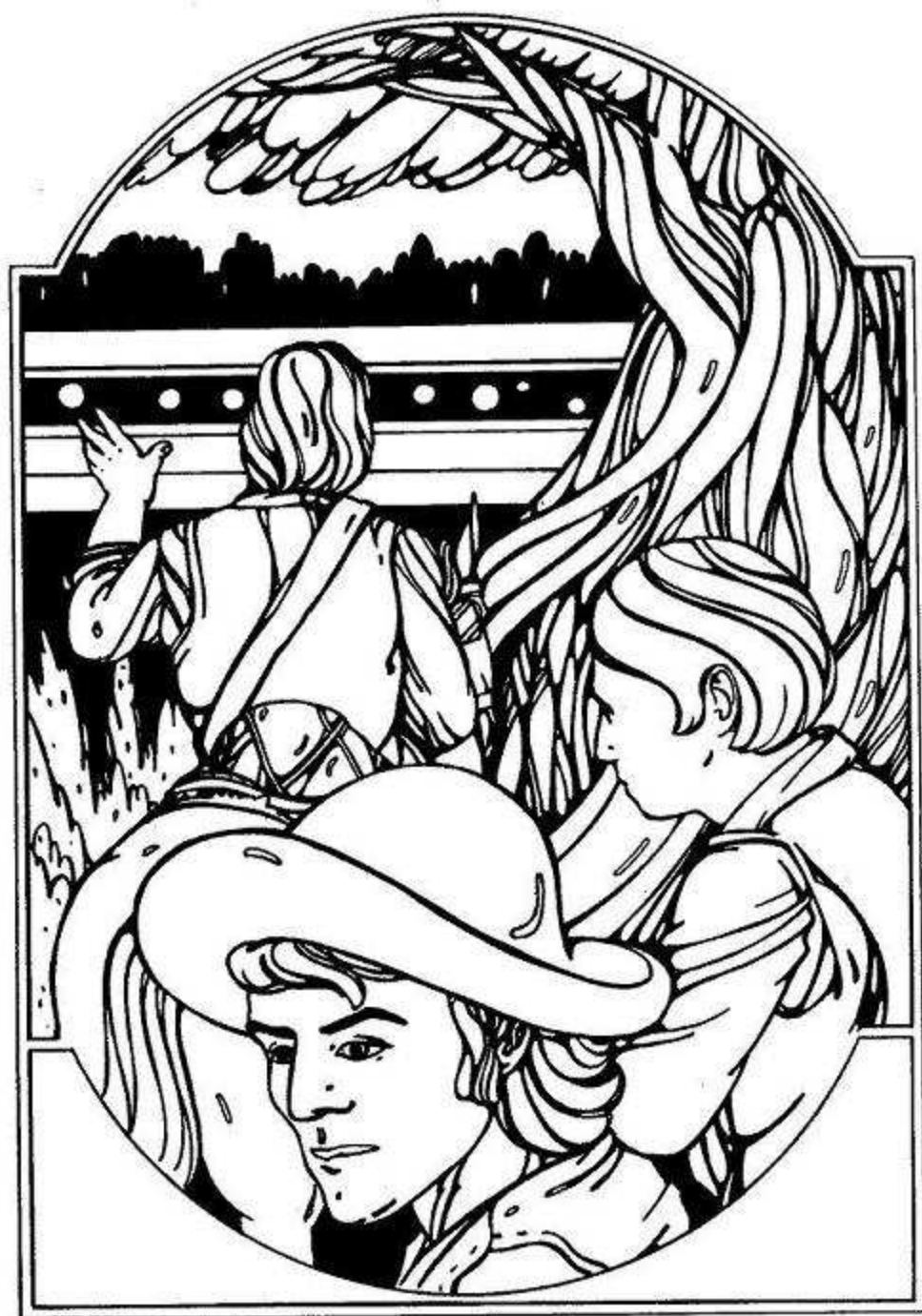
— Nada receiem! Assim como vocês não nos fizeram mal nenhum, nenhum mal lhes farão os nossos amigos. Agradecem-lhes a bondade com que sempre nos trataram. Mas peço a todas um favor: fiquem quietas até que tenhamos ido embora.

Depois, virando-se para os cavaleiros, disse, sorrindo:

— Agora eu preciso de uma roupa de civilizada e uma montaria... Quem me arranja?

Venâncio, tirando imediatamente o poncho com que se abrigava, entregou-o à professora. Esta vestiu-o sobre a pele de maracajá e atou-o à cintura com uma embira. Enquanto fazia isso, Chico Pongá, que apeara do animal assim que ouvira seu pedido, entregava-lhe as rédeas, dizendo simplesmente:

— Monte.



— Não vamos arriscar vidas à toa. Devemos atravessar o rio, evitando qualquer espécie de luta.

— Obrigada, disse ela, montando. Mas o senhor, onde vai?

— Eu vou em qualquer das mulas de carga.

Mal acabou de dar esta resposta, Chico Pongá viu, no terreiro, a purunga abandonada. Correu para apanhá-la, exclamando:

— Bravos purunga! Vou te levar comigo porque fui eu que te pesquei!

— Que vai fazer com ela? perguntou, rindo, Quinquim.

— Vou enchê-la de diamantes! respondeu ele sobraçando o precioso fruto e colocando-o numa das mulas cargueiras.

Todos riram. Mas José Piquete comentou:

— Se não fosse essa purunga...

— Vamos, então? convidou Joana, que estava cansada de viver na aldeia, e sabia que não convinha perder tempo.

— Vamos! responderam todos.

Joana emparelhou seu animal com o de Quincas Venâncio e a cavallhada partiu.

— Adeus, Saguiru! Adeus, Jaraqui! Adeus, Veuá! gritava Quinquim agitando a mão.

Mas os três curumins não entenderam ou não tiveram ânimo de responder, tamanha era a emoção da tribo.

Todos atravessaram o rio e tomaram o rumo devido. Quando já estavam muito longe da taba, Joana Borora chamou a atenção de Quinquim:

— Olhe quem vem vindo aí...

Quinquim olhou para trás e teve uma exclamação de alegria:

— Janauí!

Realmente era o cachorro que vinha, de língua de fora, cansado de tanto correr para acompanhar os animais.

— É uma lembrança de seus amiguinhos Xavante, disse ela.

E como Quincas Venâncio não entendesse o que ela queria dizer, Quinquim foi explicando ao pai a história de Janauí, dos espinhos de ouriço e tudo mais.

E Quincas Venâncio ia se enchendo de admiração pela professora. Num dado momento, Quinquim perguntou ao pai:

— Sabe que ela ficou sendo a minha mãe segunda?

— É? perguntou Venâncio, satisfeito.

— Agora você não precisa mais de mãe, Quinquim... disse a professora.

— Preciso, sim. A senhora não quer mais?

— Eu quero, mas não sei se seu pai aceita, explicou Joana, abaixando os olhos.

— Como não hei de aceitar? perguntou Venâncio, emocionado. Como não hei de aceitar uma criatura tão boa que Deus mandou para mãe de meu filho?

Uma semana depois a Vila de Poxoreu estava em festa: Quincas Venâncio e Joana Borora se casavam.

Foi um casamento estrondoso porque Venâncio vendeu o diamante que encontrara a um faisqueiro, isto é, a um comprador de pedras preciosas da Capital, por mais de um milhão de cruzeiros. Pagou a José Piquete, além da parte que lhe era devida, os dez mil cruzeiros da aposta, e entregou a Nico Manco quantia idêntica a fim de que ele promovesse a construção de uma boa escola, na principal rua de Poxoreu.

Após o casamento, Quincas Venâncio, Joana Borora e Quinquim partiriam para a Capital. Antes, porém, Venâncio abraçou Chico Pongá e lhe disse:

— Muito obrigado por tudo. E, principalmente,



— Como não hei de aceitar uma criatura tão boa que Deus mandou para mãe de meu filho?

por me haver animado tanto! Realmente: achei um diamante que vendi por bom dinheiro e outro mais belo ainda, que não há dinheiro que pague — a mãe que faltava para meu filho!

Os garimpeiros despediram-se de Quinquim, dizendo-lhe:

— E agora vai embora para a Capital e nunca mais visitará os amigos, não é, seu ingrato?

— Voltarei, sim, respondeu Quinquim, abraçando a todos. Voltarei para ver vocês e para dar notícias de Janauí a meus novos amigos — Saguiru, Jaraqui e Veuá.